21-MAIO-1936
ANNO XXXV
NUMERO 155
Preço 1$200

A NOVELLA
VIVIDA
(Conto no texto)

O MALHO

mende

1936

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Assignaturas: Annual ...... 60$000 / Semestral ..... 30$000
Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34
Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O proximo numero d'O Malho

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

ABYSSINIA

Versos de Luiz Peixoto. Illustração de Théo.

O ROMANCE TELEGRAPHICO

Conto de Benjamim Costallat. Illustração de Luiz Gonzaga.

O SOL E A LUA

Pensamento de Berilo Neves. Illustração de Théo.

AS CORES NA SILHUETA FEMININA

Chronica de Flexa Ribeiro. Illustração de Cortez.

AZAS VÃS—O VERME

Poesia de Renato Travassos. Illustração de Fragusto.

O BAIRRO DA SÉ

Chronica de Eduardo Tourinho. Illustração de Mendonça Filho.

O THESOURO

Conto de Christovam Camargo. Illustr. de Luiz Gonzaga.

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA

DE TUDO UM POUCO Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS" Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que... - Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

Tem o n. 31 o "coupon" que hoje publicamos, correspondendo a uma pagina de autoria do escriptor pernambucano Mario Sette, illustrada por Di Cavalcanti. Desta forma, faltam apenas 5 "coupons" e 5 paginas para termos completados os mappas e o "Album", restando então effectuarem-se as trocas dos primeiros — e só dos primeiros — pelo cártão numerado que habilitará cada leitor no sorteio dos premios.

卍

Por motivo de saude dos Srs. Alberto de Oliveira e Paulo Setubal, e de se achar ausente do paiz a poetisa Rosalina Coelho Lisbôa Miller, não nos tendo podido entregar no devido tempo os originaes dos seus inéditos, substituimos os nomes daquelles collaboradores do "Album de Arte e Literatura" pelos da escriptora D. Iracema Guimarães Villela e poetas Martins Fontes e Attilio Milano. Estamos certos de que em nada se sentirão prejudicados os nossos leitores, com essas substituições dada a projecção literaria dos nomes dos que vão, com suas collaborações, concorrer para o brilho do nosso "Album".

卍

Como de habito, queremos chamar a attenção dos leitores para alguns dos lindos premios que este concurso distribuirá aos que nelle tomarem parte. Tomamos ao acaso: os 29.°, 30.°, até 38.° premios. Sabem os leitores que são elles? Dez magnificos faqueiros de Alpaca "Masson", dispostos em finissimos estojos. Cada um traz 103 peças e vale 450$000. Foram adquiridos, e podem lá ser examinados, na "Casa Masson", rua do Ouvidor, 91. A photographia ao lado, reproduz um desses bellos faqueiros.

29.° ao 38.° premios. Valor 450$000 cada um.

Mario Sette, a quem devemos a pagina de hoje do "Album de Arte e Literatura", nasceu no Recife, a 19 de Abril de 1886. Começou a escrever na imprensa local, ainda muito moço. Com 15 annos publicava seus primeiros versos, por onde começara sua actividade literaria. Depois, por muito tempo collaborou nos jornaes diarios recifenses e em revistas cariocas, como "conteur" e chronista. Seu primeiro livro appareceu em 1917: "Ao Clarão dos Obuzes", recolta de chronicas em torno de episodios da Grande Guerra. Seguiram-se "Rosas e Espinhos", contos; "Senhora de Engenho", romance, com quatro edições hoje, e traduzido para o castellano; "Quem vê caras", dialogos; "A Filha de D. Sinhá", romance; "O Palanquim Dourado", romance historico; "O Vigia da Casa Grande", romance, premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1924; "Sombras de Baraúnas", contos; "A Mulher do meu amigo", novella; "João Ignacio", novellas; "As Contas do terço", romance; "Seu Candinho da pharmacia", romance, e "Maxambombas e Maracatús", chronicas do Recife antigo. Tem varias obras escolares. E' membro da Academia Pernambucana de Letras e correspondente das Academias de Letras de Matto Grosso, Minas Geraes e Santa Catharina. Exerce actualmente o cargo de Director Regional dos Correios e Telegraphos de Alagôas.

Nem todos sabem que..

POR *mound* se designa um edificio ou construcção circular ou elliptica, elevando-se em demisphera acima de um terreno. A's vezes, reveste a fórma de uma pyramide. Os *mounds* mais curiosos são aquelles que modelaram no solo uma sorte de effigie representando, com certa exactidão, diversos animaes: serpentes, tartarugas, bisões, gansos, raposas. Alguns autores quizeram attribuir esses *tumulus* aos Toltecas, quando habitavam os valles do norte americano, antes de irem estabelecer-se nas regiões onde se desenvolveu a sua civilização, ainda elementar. Segundo tradições recolhidas entre os Delawares, estes teriam contado entre os antepassados tribus adeantadissimas, que teriam dado origem aos Pelles-Vermelhas modernos e seriam os constructores dos *mounds*. Os *mounds* contendo sepulturas teriam por architectos os Algonkins ou Shawanas. Os Sioux foram, ao que parece, os constructores dos *mounds* existentes no Wisconsin.

✣ ✣ ✣

OS antepassados dos omnibus foram creados, em 1662, por iniciativa de Blaise Pascal, sabio francez inventor da machina de calcular. A'quelle tempo, as passagens custavam cinco soldos. Foram supprimidas em 1679, por carencia de freguezes. Cento e cincoenta annos depois, organizou-se um serviço de omnibus, em Paris. Esta vez, a idéa floresceu, tanto que, em 1830, funccionavam 278 linhas na capital franceza. Os bondes a tracção animal tiveram sorte identica, em 1913. Os autobus agradaram. Em 1935, o numero de passageiros elevou-se a 958 milhões e a extensão do trajecto, de cada um é de 180 a 250 kilometros. Actualmente, 3.229 autobus estão repartidos em 233 linhas. Os verdadeiros autobus, porém, surgiram em Paris a 11 de Junho de 1906, na linha Montmartre Saint Germain-des-Prês. Os omnibus foram desapparecendo aos poucos. O ultimo fazia o percurso La Villette-Saint Sulpice.

VAE A EUROPA

A Sra. Olga Praguer Coelho é uma cantora que está na moda. Foi á Argentina. Os jornaes publicaram notas e photographias. Agora, vae a Europa, designada pelo governo para representar a canção brasileira no velho mundo. Todos os jornaes elogiaram a escolha, trazendo, de novo, para o cartaz, o nome da artista. A Sra. Olga Praguer deve estar contente com o seu exito.

SOBRE RADIO-THEATRO

Em meio de uma série de tolices ditas pela senhora Zézé Fonseca em um jornal, figurou a affirmação de que não existe radio-theatro no Brasil porque os autores ganham apenas 1$500 por *sketch* representado.

Trata-se evidentemente, de um equivoco, cousa, allás, que não nos admira no caso em fóco.

A verdade, porém, é que o radio-theatro, entre nós, ainda não existe por dois motivos bem diversos e que são: em primeiro logar, falta de bons interpretes, capazes de impor o genero; e em segundo logar, falta de interesse do publico, que até hoje não deu mostras de agrado.

Quando Annita Spá e Olavo de Barros trabalhavam juntos, houve esperança de fazel-o triumphar.

Depois, ou os artistas não souberam conquistar os ouvintes, ou estes não se deixaram conquistar, e isto por uma simples questão de não terem gostado.

Assim, se ha um inimigo do radio-theatro, este não é nem os directores de estações, nem os escriptores, nem mesmo os interpretes que, bem ou mal, procuram ainda prestigial-o.

E' o publico, é a grande massa de synthonisadores, que prefere musica e até annuncios, em vez de dramas e comedias.

Quando este demonstrar agrado, as estações serão as primeiras a empanturrar todos os ouvidos com dialogos e *sketchs*.

Ahi os escriptores serão chamados a traduzir obras estrangeiras e a produzir originaes, pagando as emissoras o que lhes for exigido.

E então a Sra. Olga Navarro, o Sr. Adacto Filho, o Sr. Mastrangelo e até mesmo a senhora Zézé Fonseca — que fracassou como cantora — serão chamados a tomar os logares dos astros do samba hoje em evidencia...

Até agora, entretanto, o radio-theatro só tem sido tolerado como homeopathia: — em doses minimas...

O. S.

UMA GRANDE INICIATIVA

"Voz do Radio" promove um concurso para ida de um cantor a Buenos Aires.

Depois que mudou a direcção da "Voz do Radio", a unica revista exclusivamente dedicada ao "broadcasting", a sua vibração tem sido intensa.

Prestigiado pelo seu editor, o Sr. A. Weissmann, essa nossa confreira está tomando iniciativas opportunas e interessantes.

Agora, "Voz do Radio" vem de organisar um concurso, de combinação com a "Radio Splendid", de Buenos Aires, para escolher qual dos nossos cantores merece o premio de uma viagem á capital portenha e de um contracto com a referida emissora.

Para esse fim a cidade será dividida em zonas, fazendo-se, em ultima instancia, a classificação definitiva.

O concurso da "Voz do Radio" está despertando e reanimando o nosso ambiente radiophonico, promettendo ser disputado com enthusiasmo.

BRÉQUES

— Você sabe o motivo pelo qual o Principe Baby deixou de ser "speaker" da "Farroupilha"?

— Não.

— Dizem que foi por ter pronunciado "general Rábello", ao ler uma noticia de ultima hora.

O CANTOR DO MOMENTO

Depois que gravou "Cortina de Velludo", Carlos Galhardo subiu 100 % na cotação do publico e tambem na dos seus collegas — os peores juizes que um artista póde ter. A magnifica interpretação dada a essa valsa bem como á "Cantiga de Ninar", de Paulo Barbosa e Maria Sabina, que a acompanha ao disco, tem sido o motivo de varias palestras nas rodas de radio. Sim, senhor! O rapaz é bom mesmo! Não é só a cortina que é de velludo: — a sua voz tambem é, nada ficando a dever aos "reis" e medalhões! Carlos Galhardo é, pois, o cantor da moda. E como está na moda brevemente lançará uma porção de novidades que prolongarão o seu exito.

RADIOLETES

Desde o Carnaval que Jayme Britto não canta. Ainda não appareceu a estação dos seus sonhos...

Dan Mallio Carneiro é o novo encarregado da pagina de radio d'"O Cruzeiro". Irá dizer mal da "Tupy"?

O melhor jogador de "snooker" do radio carioca é Jorge Murad. Elle desnorteia os parceiros contando anecdotas de turco...

BRÉQUES

— Vejam só! commentava o Gadé no salão do "Radio Club". O paiz em "estado de guerra" e o Pereira Filho deu agora para andar armado! Ainda hontem encontrei-o com o Walter Brasil e o Quinzinho, da "Ipanema"!

— Mas, emfim, que tem isso com o facto delle andar armado? — perguntou o Paulo Roberto.

— Ora esta! — retrucou o Gadé — Você ainda queria mais? Pois não vê que o Pereira estava com um facão e um cacete?

A maior gloria de um compositor brasileiro é ter canções interpretadas por Pedro Vargas! — dizia o Humberto Porto. E essa gloria — accrescentava — sómente eu a tive!

— Cuidado! — pilheriou o Hamilton Burns. O Custodio Mesquita, depois que Ramon Novarro cantou "Si a lua contasse", apanhou um azar phantastico. Nunca mais fez nada que pegasse...

LINHA DE FRENTE

Entre os compositores populares do primeiro "team" está Roberto Martins. E' elle o autor de varias musicas de grande successo, tendo no ultimo Carnaval, apresentado a marcha "Morena", que tirou o 2º logar no concurso da "Tupy". "Rei Vagabundo" foi outra producção sua tambem coroada de exito recente. Mas Roberto Martins não pretende viver do passado. E por isto já fez Carlos Galhardo gravar "Dona do meu coração", valsa com letra de Jorge Farah, para continuar impondo o seu merito de musico inspirado.

A Directoria Regional dos Correios e Telegraphos pede mais uma vez a attenção dos Srs. ouvintes de radio-diffusão para o dispositivo do decreto 21.111, de 1/3/32 que obriga o registo dos apparelhos receptores no Departamento dos Correios e Telegraphos e pelo qual ficam sujeitos á apprehensão os apparelhos não registados devidamente.

Esse registo é feito mediante a inutilização de um sello postal de 2$000; póde ser feito por qualquer pessoa, em qualquer agencia ou succursal, bastando fornecer nome e endereço do possuidor.

O MALHO NOS ESTADOS

Srta. Raphaela Sanna, eleita rainha dos operarios em Ooro Preto, Minas, tendo sido coroada em sessão solemne realisada em 1° do corrente.

Alumnos da Escola Masculina de Guarakessaba, no Paraná

Um lindo panorama de Guarakessaba

Antonio Teixeira Filho, nosso esforçado agente em Carmo do Rio Claro, Minas.

As galantes Maria Carmelita e Maria Helia, filhinhas do Sr. João Pedro de Alcantara digno agente postal em Carmo do Rio Claro, Minas.

OS PREMIOS DO ALBUM DE ARTE D'O MALHO — Nosso agente, Sr. Alfredo J. de Souza, de São Salvador, Bahia, entregando ao Sr. José Corbacho uma pelle de raposa, referente ao 5.° premio do Concurso de Album de Arte de O MALHO, que lhe coube no sorteio

AS NOSSAS AGENCIAS NO INTERIOR — Fachada da grande "Livraria Academica" (Diffusora de Cultura) nossa agencia na cidade de Jaboticabal, Estado de S. Paulo, na sua recente e moderna installação, situada á Rua Ruy Barbosa.

Capa do numero especial de CINEARTE sobre Charles Chaplin. A formidavel edição de CINEARTE á venda em todos as bancas de jornaes, contem, entre outros assumptos:

A vida de Charles Chaplin. A sua carreira artistica. Os seus amores. A sua estréa no palco, com 15 annos de edade. A casa onde nasceu. Os seus primeiros films. Reminiscencias curiosissimas. O grande segredo de Carlito. Aspectos da sua casa em Hollywood com 40 dependencias. O que disse Max Linder. Informações completas sobre Carlito, como só e tão bem sabe fazer.

Não ha outra expressão mais adequada e que melhor defina um WANDERER. Bello – pela pureza de suas linhas caprichosamente associadas. Sobrio – como expressão de conforto e luxo discreto. Resistente – como realização mechanica extructural. Possante – pela força que desenvolve, attingindo o maximo de 120 kilometros á hora, em qualquer plano, em qualquer estrada, em qualquer circumstancia. Moderno – no sentido de "afim com o tempo", satisfazendo, como de facto satisfaz, ao gosto mais apurado e exigente. Por isso, um WANDERER – fonte de força – é o carro que lhe convém.

WANDERER

fonte de força

AUTO UNION

AUTO UNION DO BRASIL Ltda., rua Mexico, 158

CHEIA DE GRAÇA

AVE, GRATIA PLENA! — Lêde-me todos esses treze mimosos versiculos, em que o evangelista São Lucas nos revela a embaixada maravilhosa do archanjo Gabriel á Virgem de Nazareth, e dizei-me se pode haver obra mais prima de candura e belleza em literatura alguma. ● Ponde, se quizerdes, par a par com a pagina evangelica, aquelloutra, em que Virgilio, aliás num dos mais suaves e castos episodios da Eneida, pinta-nos o encontro de Enéas com a deusa Venus, á sombra alvorescente dos bosques de Carthago. Que differença! Ali, o que se nota desde logo, é o poeta, o grande poeta, a esmerar o estylo no descrever-nos a olympica beldade, desfarçada em joven caçadora espartana, com os seus cothurnos de purpura, e na fronte côr de rosa, a basta cabelleira desabrochada livremente aos ventos da beiramar. Ali, é a narrativa tragica da viuvez e fuga da malaventurada Dido. Ali, são gorgeios de cysnes em bando, a ruflar as asas em poeticos auspicios, e são perfumes de celeste ambrosia, embalsamando o pittoresco ambiente. Ali, em summa, é a arte genial do homem, florindo em todos os seus recursos e em todos os seus encantos. ● Aqui, ao revés, no quadro biblico, é a simplicidade divina. Dir-se-ia a verdade irradiando a pino esse doce esplendor, em que, no pensar de Platão, consiste a belleza: *splendor veri*. ● Oiçamos o evangelista. "Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade de Galliléa, chamada Nazareth, a uma virgem desposada com um varão, que se chamava José, da casa de David". ● Quanta poesia! Um anjo enviado a uma virgem! E esta virgem era noiva! Noiva de um descendente da nobre casa de David! E morava em Nazareth, a cidade das flores! Em quantas pinturas não se teria alongado aqui um autor profano! No hagiographo, ao contrario, quanta sobriedade! ● "E o nome da virgem era Maria". Que simplicidade! mas, tambem, que belleza para quem comprehende o nome de Maria! O genio de S. Bernardo repetia e saboreava estas palavras, como se fossem um favo de mel celeste: *et nomen virginis Maria!* ● "Entrando, pois, o anjo aonde ella estava, disse-lhe: "Deus te salve, cheia de graça, o Senhor é comtigo, bemdita és tu entre as mulheres!" Que ineffavel encanto! Não falo já de tão sublime saudação, que nunca jamais creatura humana ouvira, mas daquillo mesmo, que o evangelho não diz, porque se entrevê e adivinha: o scenario, em que vae travar-se o mais bello dialogo do mundo. Uma recamara virginal, onde se encontram uma donzella e um anjo! Pode-se imaginar ambiente mais puro e mavioso? O alfobre de plantas aromaticas, nem o jardim das açucenas, de que nos fala o *Cantar dos Cantares*, não podiam ser mais limpidos, nem mais perfumados. Ahi se defrontam duas formosuras e duas purezas, uma celeste e uma terrena, um anjo e uma virgem. E quem o diria? A virgem era mais pura do que o anjo! ● Tanto assim, que em n'a saudando este, toda se turbou: *turbata est*. Que virgindade houve ahi jamais, que assim extremecesse á voz purissima dum archanjo? ● Mas elle a tranquilliza: "Não temas, Maria, pois achaste graça deante de Deus". E aqui lhe annuncia, em termos claros e precisos, estar ella predestinada a ser mãe de Deus, o Filho do Altissimo, a quem porá o nome divino de Jesus. ● Mas eis que de novo a donzella, como a flor tremula da anemona ao menor sopro, assusta-se e pergunta-lhe: "Como será isto possivel, se devo permanecer sempre virgem?" O' alma virginal de Maria! que donzella teria jamais preferido a sua virgindade á gloria estupenda e sem rival da maternidade divina? Maria preferiu. E só depois que o celeste mensageiro lhe expoz o mysterio da sua virginal fecundidade, é que ella pronuncia aquellas palavras, enlevo e pasmo de todos os seculos: "Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". ● "E o anjo se apartou della". ● Quanta naturalidade em todo esse dialogo, no qual, todavia, se condensam tão altos e inenarraveis mysterios! Que artista nos teria dado assim, em tão leves traços, este perfil de mulher, tão immaterial, tão encantador e tão novo, como nem as proprias musas hellenicas sonharam? ● O' Maria! ó virgem sem macula! ó cheia de graça! ó predilecta do Senhor! ó bemdita entre todas as mulheres! Se não fôra este cantico incomparavel, com que o proprio Deus nos ensinou a saudar-te, só nos restaria exclamar como o heróe da Eneida, e com muito mais razão do que elle, no extase da admiração: *O quam te memorem, Virgo! namque haud tibi vultus. Mortalis, nec vox hominem sonat!* ● Tal o encanto sobrehumano, ó Maria, que na alma nos deixa a tua silhueta virginal, a se esbater assim, tão luminosamente, nessa pequenina tela evangelica, na qual, entretanto, está escripto e canta todo o poema das tuas grandezas: a maternidade divina, a virgindade perpetua, a conceição immaculada!

D. AQUINO CORRÊA,

da

Academia

de

Letras.

Gibbon

Bacon

Darwin

Platão

Cervantes

Nietzsche

O QUE SE DEVE LÊR NUMA ILHA DESERTA

Charles Duff, que acaba de publicar em interessante artigo as suas impressões sobre a Exposição de Livros, inaugurada recentemente em Londres, diz que, si fosse desterrado a uma ilha deserta, levaria comsigo, para passar o tempo, as obras primas dos seguintes autores: Shakespeare, Cervantes, Nietzsche, Montaigne, Bacon, Gibbon, Platão, Darwin, Boswell, Quevedo, além da "Biblia" e do "Livro de poezias inglezas de Oxford". E o critico acima citado explica as razões da sua preferencia litteraria, dizendo que...

"... Shakespeare foi um homem mui pratico em materia de theatro, um festejador publico, que fez bonita fortuna agradando a toda classe de espectadores, e sua capacidade para fazel-o tinha a qualidade peculiar de valorisar convenientemente os textos de suas composições... Shakespere é tão bom lido como representado"...

"Cervantes é outro homem cujas obras são de todos os tempos. E' um dos grandes gestores da Humanidade, e ler "D. Quixote" é pôr de novo valor em nossas veias. Ter absorvido o espirito de Cervantes é ser inconquistavel, indesmaiavel e estoico ante as difficuldade e incommodo no exilio...

"... Quevedo faz-nos rir e, lendo-o, lembrar-nos-iamos de alguns dos amigos que deixámos atraz de nós na civilisação. As caracterisações de Quevedo podem ver-se hoje em Londres, Paris, New York e Buenos-Aires"...

"... A Biblia é um dos mais vastos armazens de alimento espiritual para o homem, animal espiritual..."

"... Montaigne seria o companheiro ideal numa ilha deserta. Com Montaigne, ninguem se pode sentir asilado; fala, não a uma multidão, mas ao leitor individual, e com franqueza e intimidade deliciosas, que são as suas qualidades primaciaes.

E' o escriptor recommendavel aos timidos e retrahidos. Conhecendo Montaigne, poderemos tolerar os selvagens e, ainda, ser divertidos por elles..."

"... Para apreciar Niezsche, deveria o leitor ter um vasto programma sob os olhos. E' leitura demasiado estimulante para os interiores visto que produz o effeito do oxygenio em superabundancia. A obra de Nietzsche é para ser lida uncamente em momentos de desespero..."

"...A "Origem das especies", de Darwin, é um desses livros, que podemos revolver ou estudar cuidadosamente; deixará na mente do leitor uma impressão sobre sua posição na Natureza e suas rel.ções com o ambiente que o rodeia. A vida é um jogo, que se desenrola intensamente tanto numa ilha deserta como numa cidade: Darwin nos explica as regras..."

"... Escolhendo Gibbon, autor da "Historia do Imperio Romano", obedeço ao desejo de contemplar, na mais forte visão panoramica que se conhece, a historia completa de um Imperio magnificente.

Sua "Historia" é a perspectiva magistral de uma época sem precedentes..."

"..."O livro de poesias inglezas de Oxford" representa a melhor anthologia ingleza, desde as edades mais remotas..."

"...Bacon constitue a sabedoria concentrada e o pôder de manter a nossa imaginação na direcção dos successos, emoções e sentimentos communs a todos os homens..."

"...Leria Platão por puro prazer..."

"...Boswell é o autor do melhor livro, escripto em inglez, para se ter á cabeceira: "A vida do Dr. Johnson". A biographia de Boswell converteu-se numa obra consideravel. Boswell teve a capacidade de distillar a essencia de seus themas e uma incansavel paciencia para estudal-os e observal-os. "A Vida do Dr. Johnson" é não só a historia detalhada de um celebre doutor do seculo XVIII, mas, tambem, a reconstituição de todo um periodo. Sabemos como os homens se vestium, comiam, bebiam e liam; como viviam e morriam. Podemos abrir o livro em qualquer pagina, para nos sentirmos presos á magia de seu autor..."

James Boswell

Quevedo

Shakespeare

Montaigne

UM CLIENTE SINGULAR

(DIARIO DE UM MEDICO)

Tinha cincoenta annos, era empregado publico e chamava-se Epiphanio Sampaio. Tudo isso é melancolicamente vulgar, não ha duvida; mas, assim, mesmo, com esses vulgares attributos, Epiphanio podia muito bem fazer as delicias satanicas de qualquer homem iniciado em psychologia ou de algum director de manicomio.

Apesar dessa banalissima funcção social, Epiphanio tinha qualidades excepcionaes: usava um *cavaignac* de antigo mosqueteiro, conhecia profundamente a historia de Carlos Magno, lia tudo o que se publicava sobre o espiritismo e tinha uma idéa paradisiaca do communismo da Russia. Além disso era uma cascata de conhecimentos geraes; e quer sobre direito, quer sobre engenharia, quer sobre qualquer cousa, desde a numismatica á arte culinaria, elle, com esplendente desembaraço, lançava a sua opinião. E sustentava-a, e discutia, citando Smiles e afagando o cavaignac.

Um dia Epiphanio adoeceu. Elle, que se envaidecia de possuir uma soberba saude, que não sabia o que era dieta, que jamais se agasalhara num quarto desde que tivera o sarampo aos doze annos — vinha sentindo agora, no humbral da velhice, dores vagas pelos ossos, uma quebreira pelo corpo, uma permanente vontade de repouso e um cephalgia que o desesperava.

Foi assim, com essa vaga série de symptomas, que esse homem surgiu um dia no consultorio, avisando-me logo, com a sua habitual imponencia:

— Quero apenas que me examine. Não me sinto bem; mas penso que não tem importancia, e que tudo isso é sòmente uma transição; uma transição da madureza para a velhice, ou então, algum fluido agindo sobre o meu corpo... Comtudo, quero tomar certas precauções...

— Fluido? Ora, francamente...

Elle olhou-me com sobrancería:

— Fluido, sim. Mais isso não está ao alcance da medicina, nem o senhor talvez possa comprehender. O doutor acredita no astral?

— Não tenho bem certeza — respondi tomado de suspeitas, examinando indiscretamente a phisionomia serena do meu cliente.

Elle porém, não insistiu. Calou-se, tirou o paletot e deitou-se no sofá para o exame.

Durante meia hora a p a l p e i, ascultei, amassei os orgãos essenciaes do Epiphanio. Depois, quando as duvidas desappareceram, affirmei com segurança:

— E' um caso de syphilis, caro senhor. Syphilis bastante para liquidar tres homens. Comtudo, preciso de um exame de sangue p a r a confirmação. Amanhã mesmo mande fazer esse exame.

Epiphanio perdeu um pouco a sobrancería, vacillou, murchou:

— Syphilis? E' possivel? Mas...

Não proseguiu. Atalhei-o logo, vingando-me do seu saber sobre o astral e o fluido:

— Tenho certeza do diagnostico. Não ha *mas*, nem hypotheses, n e m discussão. Traga-me o exame do sangue. Os fluidos com certeza, pregaram-lhe um peça...

Epiphanio sahiu pensativo, abalado, acabrunhado.

Quatro dias depois voltava á hora da consulta e apresentava-me tristemente a papeleta do exame: positivo, com duas cruzes fataes, desoladoras!

Tomou injecções, melhorou, engordou, reviveu e tornou-se meu amigo.

Todavia, apesar da impressionante evidencia do seu caso, tinha de vez em quando umas scismas, umas abstracções, uns ruidos estranhos que me desconcertavam. E certa vez, quando já eramos intimos, elle não se teve e disse-me uma tarde emquanto tomavamos café:

— Estou bom, sinto-me bem, vi a consequencia do tratamento. Mas tenho-me dedicado muito, ultimamente, aos meus estudos especiaes, e não me convenço de que não houve em tudo isso uma manifestação superior, um fluido. Não me sáe do pensamento. Mas como você é um incredulo...

Não retorqui. Epiphanio era uma especie de apostolo do seu credo e, como apostolo, terrivelmente tenaz. Apenas, depois disso, comecei a evital-o.

Alguns mezes passaram. Perdi de vista meu amigo. Mas um dia encontrámo-nos num bonde, justamente na vespera de uma viagem que eu ia fazer ao sul. O bonde estava quasi vazio. Epiphanio ia ao banco da frente, sózinho. Sentei-me ao seu lado, e iamos iniciar a palestra, quando o conductor veiu cobrar as passagens. Elle, promptamente, tirou um prata do collete:

— Faz favor; tire trez passagens directas.

O conductor, displicente, deu-lhe o troco e indagou:

— Quem é o outro passageiro?

O meu amigo respondeu seccamente:

— Não se incommode com o terceiro.

Avisei-o, então, vagamente:

— Que diabo, Epiphanio! O homem deve saber quem é o outro para não cobrar duas vezes. E' justo. Você parece que anda neurasthenico, homem!

Elle sorriu:

— Infelizmente você continúa incredulo, indifferente, materialista, preso ás cousas terrenas. Mas fique sabendo que está ao nosso lado e conversa commigo, antes de você chegar, o meu velho amigo coronel João Penna.

— João Penna? Um que foi chefe politico e que morreu ha uns dez annos? Será possivel?

Epiphanio continuava a sorrir superiormente:

— Esse mesmo. Desencarnou-se em 1923. Conversavamos sobre politica; e minha obrigação a pagar-lhe a passagem.

Aurelio Pinheiro.

Versos á la carte

Elle: — No **menú** pobre e barato
Da minha triste existencia,
Eras, filhinha, o meu **prato,**
Um **prato de resistencia**...

Ella: — Pedes a Deus que eu te deixe...
De ti tambem ando farta...
Não és nem carne nem peixe,
E's **prato** fóra da **carta!**

Elle: — Vives mentindo, julgando
Que em ti, bobinha, acredito...
E depois ficas-me olhando
Com olhos de **peixe frito**...

Ella: — Hontem, cheio de fumaça,
Eras cheiroso e pachola,
Hoje, coitado, não passas
De um **beef de caçarola!**

Elle: — E's louca, desarranjada,
Eu nem sei que diabo és tu!
Teu armario é uma **salada,**
Tua gaveta é um **angú!**

Ella: — A mim ninguem mais apanha!
Quero **comida** mais fina...
Tu és cosido na **banha**
Tu és **comida de china!**

Elle: — Quando te vi no caminho
Fiquei logo apaixonado
Pelo teu corpo magrinho —
Teu corpo de **frango assado!**

Ella: — Isto assim não é viver!
Nossa vida é um desespero!
Mas qualquer dia, has de ver,
Eu mostro qual é o **tempêro**...

Elle: — Si um golpe a mulher nos desse
Cada vez que nos engana,
Talvez da gente fizesse
Um **picadinho á bahiana**...

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

LUIZ PEIXOTO

a novella vivida

Tinhamos ido parar á pensão de dona Eugenia como um bando faminto de emigrantes cearenses. Vinhamos batendo em retirada, do Restaurante Napolitano, cujo proprietario desenvolvera de tal modo o commercio a credito entre as classes intellectuaes do paiz, que acabara ateando fogo ao negocio, numa tragica quarta-feira de Cinzas.

Dona Eugenia recebeu-nos encantada e cheia de attenções. Em outros tempos, tivera fumaças de grande dama e se sentia algo diminuida por ter de ganhar o pão de sua velhice, corando batatas e passandó bifes para pequenos empregados do commercio.

A nossa abordagem em massa — nada menos de seis jornalistas internacionaes, pois a terça parte pertencia á tripulação da pagina italiana d' "O Intransigente" — fel-a conceber loucas esperanças sobre a reforma do quadro de pensionistas do seu negocio, montado num vasto segundo andar da rua da Quitanda.

Estavamos, ha uns dois mezes já, comendo o pão de dona Eugenia, e as nossas relações continuavam cordiaes, embora as nossas contas não fossem nenhuma perfeição de pontualidade. Um dia, ella nos annunciou com um ar de ingenua alcovitice:

— De amanhã em deante, vêm almoçar ahi, nesta mesma hora, umas pequenas do commercio.

— Bonitas? — perguntou o Martins Fontoura, fingindo um interesse que estava longe de sentir, pois a sua especialidade eram mulheres casadas e compromettidas.

— Duas são bonitinhas, sim. A outra é um pouco exquisita, mas não é feia.

As bonitinhas eram duas figuras insignificantes de proletarias do balcão. Umas carinhas de boneca, inexpressivas. A pintura exagerada que não disfarçava inteiramente a triste anemia dessas vidas sem sol. Uns modos affectados de grande dama que mal dissimulavam a ignorancia das boas maneiras. Emfim, uma belleza sem viço e sem espiritualidade que não attrahia nem mesmo o Sabino, eterno Don Juan de **ateliers** de costura e copas de pensão.

Na outra, não descobrimos, a principio, nada que chamasse a attenção. Tinha uns olhos verdes e assustados, sempre em guarda, uns labios demasiadamente grossos e um ar reservado e tranquillo de quem não admittia intimidades. Com o tempo, reparámos que o desenho de suas sobrancelhas era caprichoso e natural, e que a sua bocca parecia monstruosamente gulosa. Era uma bocca de animal carnivoro, com uns pequenos dentes agudos e uns labios sangrentos e avidos que resaltavam, extranhamente, sobre a pallidez quasi cadaverica do seu rosto.

Só nos percebemos quanto havia de exquisito na sua figura, num dia em que ella foi para a mesa com um chapéu de verão, de largas abas claras. Com a cabeça baixa sobre o prato, nós viamos, de quando em quando, fulgurarem na sombra os seus olhos verdes sobre os labios vermelhos e tremulos.. Desde esse dia, o Ferrarini passou a olhal-a com uma insistencia significativa.

— **Carina!** — murmurava entre dentes, toda vez que ella entrava, no seu passo molle e balanceado de ave.

Elle tinha uma longa experiencia amorosa sobre os seus trinta e dois annos de vida agitada pelo vento de todas as paixões.

A moça não dava mostras de notar esta insistencia, mas o Ferrarini parecia farejar qualquer coisa por detraz da sua indifferença porque, um dia, á sahida do almoço, elle nos estendeu a mão, á porta:

— Até amanhã, pessoa. Eu fico. Vou esperar a pequena.

— Tens dinheiro? — perguntou-lhe o Alberto Ribeiro.

— Não.

— Então, é bom arranjares, antes, pelo menos 20$000.

— Para que?

— Ora, para pagares a multa na Delegacia. Ella chamará o guarda, na certa. Mas o Ferrarini fiava-se, na sua experiencia. Sorriu, com superioridade:

— Vocês não conhecem as mulheres. Deixem isso commigo.

Não o vimos mais, senão no dia seguinte, quando ia ao meio o nosso almoço. Elle entrou acompanhado da pequena. E — santo Deus! — com que ternura ella o olhava. Sentaram-se á mesa, bem no canto, em frente um do outro. De quando em quando, elle nos mandava um sorriso, mixto de modestia e tranquilla confiança em si mesmo, e continuava dividindo a sua attenção entre a moça e o bife.

Estavamos loucos para conhecer os pormenores do seu golpe de estrategia amorosa. Mas só conseguimos falar-lhe no dia seguinte, á noitinha, quando elle reappareceu no jornal.

— **Má ché, Ferrarini, parla!** Desembucha ahi a tua aventura.

— Ora, nada de extraordinario. Uma abordagem absolutamente normal. Ella tentou fugir, mas eu me colloquei a seu lado. Falei-lhe da minha solidão, em terra extranha, e de outras bobagens. Foi a conta. Ella se interessou. Conversámos. Trocámos informações sobre endereços, telephones, amigos, parentes, gostos artisticos, preferencias cinematographicas, etc. Quando nos separámos, eramos os melhores amigos deste mundo.

— E que mais?

— Chama-se Helena. Mora na Tijuca. E' gerente de uma casa de **bijoutéries**. Viuva. Vive separada dos paes. O marido morreu ha dois annos, dez mezes após o casamento. Esperem... Deixem ver se me occorre mais alguma informação. Ah! perdeu um irmãozinho de 14 annos, que ella amava desesperadamente. E' supersticiosa. Garantiu-me que todas as pessoas que entram em sua intimidade, se tornam infelizes. Deixem-me ver se ha mais alguma coisa... Deixem-me ver... Ah, sim! vamos hoje ao cinema. Agora mesmo. Não tenho tempo a perder. Vou pedir ao Campi, para fazer o meu serviço. Giovanni Campi! Giovanni Campi!

E precipitou-se pelas escadas, atraz do outro, que ia sahindo, para a vagabundagem do café, com dois italianos que falavam e gesticulavam como uns desesperados.

A partir deste dia, foi-se tornando cada vez mais reservado comnosco. Apesar do acolhimento cordial que ella nos fez, quando da nossa apresentação, o casal se conservou sempre afastado de nós, e Ferrarini não voltou mais a falar sobre os progressos do seu namoro com a deliciosa viuva. Quando algum de nós puxava conversa a respeito, elle escapulia, com uma resposta evasiva:

— Vamos bem. Ainda não brigámos.

Pouco depois, soubemos, por intermedio do Campi, que elle se mudara do seu quarto da rua da Gloria, para uma villa no Andarahy.

Dahi por deante, deixámos de vel-o ao almoço. Faltou tres dias ao jornal.

Quando reappareceu, annunciou gravemente:

— Estamos morando na rua Nizia Floresta. Quando quizerem apparecer... Helena é uma boa camarada e estima todos vocês.

Mas não nos deu o numero de sua casa.

A nossa camaradagem foi-se esfriando gradualmente. Ferrarini ia abandonando, aos poucos, o nosso convivio. Já não participava das nossas tertulias no café, nem dos nossos passeios, ao longo das ruas, esbanjando tempo e palavras, na quietação das noites de estio. Acabou desinteressando-se completamente das nossas idéas e da nossa vida, e burocratizando as suas funcções no jornal. Podiamos acompanhar, passo a passo, os progressos da influencia da mulher, no espirito do homem, pelo seu gradual afastamento do antigo modo de vida. Um a um, rompiam-se todos os seus habitos anteriores e se formava uma nova cadeja de habitos. Nascia um Ferrarini differente, sob a influencia de uma mulher cujas idéas e sentimentos nós desconheciamos, mas que devia ter uma vontade dominadora, a julgar pela rapidez com que ella destruia o antigo Ferrarini e plasmava outro, a seu gosto.

Interessante é que até o physico do italiano se modificava. Perdera aquelle aspecto de joven animal vigoroso. Emagrecia. Estava ficando curvado. E, com o ar distrahido que agora tinha, parecia que os seus olhos iam ficando mais claros. A pelle tomara uma leve colloração moreno-pallida, e os labios suaves e o nariz afilado davam-lhe a apparencia mystica de certas litographias de santos.

Terminou pedindo demissão do jornal, e no dia em que se despediu de nós, a sua magreza nos impressionou tanto como a serenidade espiritual que brilhava nos seus olhos e a febre em que ardiam as suas mãos.

— E de que vae viver agora o Ferrarini? — perguntámos ao Campi, o unico de nós que lhe fizera uma ou duas visitas e conhecia um pouco de sua intimidade.

— Ora, a mulher ganha para dois e faz questão de correr com todas as despezas de casa. Parece que elle está escrevendo uma novella ou coisa que a valha e a viuva acha que o Ferrarini deve despreoccupar-se de tudo o mais e consagrar-se inteiramente a este trabalho.

E' possivel que cada um de nós sentisse vontade de fazer um commentario sarcastico, mas nenhum havia esquecido ainda o abatimento physico e a chamma de beatitude que brilhava nos olhos de Ferrarini, no momento em que elle nos abraçou para marchar ao encontro do seu destino.

* * *

Os dias se arremessaram uns sobre os outros, na furiosa corrida do tempo. Pouco sabiamos do Ferrarini. Uma noite recebi um recado telephonico, para que fosse vel-o. Encontrei-o derreado numa espreguiçadeira de lona, ardendo em febre, livido, com umas olheiras horrorosas e uma inquietação que me impressionou. Helena desdobrava-se em cuidados maternaes em torno de sua figura acabada. E elle me parecia fascinado, acompanhando, com uns olhos carinhosos de cão, os seus menores gestos.

Conversámos longamente sobre a vida cá de fóra, as coisas do jornal, a nossa bohemia. O ninho delles era pequeno e encantador. A' sahida, Helena veiu trazer-me até o portão. A villa estava ás escuras, mas fazia um luar maravilhoso. Estendeu-me a sua longa mão, tão fina que as unhas pareciam garras côr de rosa.

— Venha vel-o de vez em quando — disse-me. — Elle ficou tão satisfeito com a sua visita...

O clarão da lua transfigurava-a. Praceia-me uma creatura extranha. O verde dos seus olhos brilhava como as pupilas de um gato. O rosto era tão pallido como o de uma apparição. E os labios pareciam-me tumefactos e tremulos, de tão grossos. Por um instante, ella me olhou, fixamente, e tive a impressão de que os seus labios se moviam e avançavam, avidos, para mim.

Ella estremeceu e voltou correndo para dentro. Fiquei attonito no portão, sem saber o que pensar. De regresso para casa, eu continuava preoccupado com aquelle extranho casal.

Voltei a visital-os diversas vezes. A scena do portão não se repetiu, e Helena tratava-me com tanta tranquillidade que acabei por chegar á convicção de que tudo fora um sortilegio do luar e uma allucinação dos meus olhos. Ferrarini enfraquecia cada vez mais, extinguia-se aos poucos. Uma noite, teve uma hemoptyse em minha presença.

— Vou chamar um medico — gritei, assustado.

— Por amor de Deus, não faça isso! — supplicou-me ella.

E deante do meu pasmo, concertou:

— Já vieram alguns, e Ferrarini tomou verdadeiro horror aos remedios e aos doutores.

E elle, ainda meio suffocado, abanava a cabeça, confirmando as palavras da companheira.

Voltei mais cedo para casa e, no portão, disse a Helena, com toda a franqueza:

— Não comprehendo porque não o tirou daqui, para um clima melhor.

— Não quer afastar-se de mim, nem por um dia.

— Mas você poderia ir tambem. Por algum tempo...

— E que lhe adeantará a mudança de ares, se elle continua vivendo ao meu lado? O senhor não comprehende, não póde comprehender! E' tão horrivel! Estava desesperada, com a physionomia descomposta por uma dor tão vehemente, que eu fiquei perplexo e não tive coragem de fazer-lhe mais nenhuma pergunta. Ella voltou chorando para a casa, cobrindo o rosto com as mãos.

* * *

— E s t o u telephonando aqui da pharmacia. Era a voz afflicta de Helena. Venha correndo. Ferrarini está passando muito mal. E eu feito louca, sem saber o que fazer..

Cheguei a tempo de ajudal-a a dar-lhe uma injecção de oleo camphorado. Ferrarini estava sumido no grande leito branco do casal. Não era mais do que uma sombra escura, um farrapo de gente, um cisco de vida, mas parecia sereno e tinha os mesmos olhos doces da tarde em que se despedira de nós n' "O Intransigente".

Helena prohibiu-o de falar-lhe, mas a recommendação se tornara perfeitamente dispensavel, pois elle se achava tão fraco que nem se mexia. Mantinha-se quieto como um animal que sabe que vae morrer. Eu e Helena andavamos nos bicos dos pés. A um gesto do doente, apagámos a luz do quarto, ficando accesa apenas a do corredor ao lado, de modo que reinava uma suave obscuridade. A lua cheia brilhava lá fora e brilhava tanto que a claridade atravessava as cortinas de tule e movia-se como uma coisa viva no chão do aposento. O ar estava quente como o halito de uma creatura humana. As horas foram-se passando. Ferrarini arquejava. Helena sentara-se a seu lado e enxugava-lhe o suor da testa, de quando em quando, silenciosamente. A respiração estertorosa do doente enchia o quarto. Mas no correr da noite, elle melhorou. Pela madrugada, parecia mergulhado num somno tranquillo. Como a moça estivesse rendida de cansaço, pedi-lhe que fosse dormir um pouco. Eu ficaria ao pé de Ferrarini, para o que fosse preciso. Ella não me respondeu, más vi a sua figura esguia cruzar a porta e sumir-se no corredor. Depois, uns ruidos de passos abafados, o ranger das molas do divan, e o silencio voltou a reinar na obscuridade. Aproximei do leito a cadeira de balanço e recostei-me disposto a cochilar uns minutos. Não posso assegurar se consegui adormecer. Lembro-me que me assustei violentamente, quando vi o enfermo levantar o tronco sobre os cotovellos e voltar-se para mim:

— Ella já se foi? — perguntou-me, baixo.

— Foi dormir um pouco, no quarto ao lado.

— Preciso falar-te antes de fazer a viagem.

— Não digas bobagens. Estás muito melhor. Demais, não deves fatigar-te.

— Ora, que adeanta repousar, quando se está tão perto de descansar eternamente? Não me interrompas. Já pensei muito nesse assumpto. E é absolutamente necessario que eu te fale, antes de morrer.

Uma pausa para ganhar forças e continuou:

— O Campi não te falou numa novella que eu estava escrevendo? E' verdade. E' a historia de uma extranha paixão. Um homem que renuncia a tudo por uma mulher, inclusive á propria vida e á apparencia de dignidade. Elle sabia que, se persistisse nessa paixão, morreria, porque a mulher o avisou. Sobre ella pesava uma tremenda fatalidade e um tenebroso mysterio. Acreditas em vampiros, creaturas que sentem necessidade de beber o sangue vivo da gente? Pois a heroina da minha historia é um vampiro. Eu tentaria uma explicação scientifica: um caso de hereditariedade. A heroina descendia de cannibaes e o seu vampirismo não seria mais do que uma reminiscencia da antropophagia dos seus antepassados. Que tal a historia?

— Seria um bello romance. Já o terminaste?

— Não. Nem o comecei.

Elle notou a minha decepção e aproximando-se do meu ouvido, disse baixo, tão baixo que apenas percebi o balbucio dos seus labios:

— Não foi preciso escrever. Eu vivi a minha novella.

Cerrou os olhos, fatigado. Fiquei como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Vi a mão do doente avançar, lenta e tremula, para o espaldar da cadeira e cahir sobre o meu braço. Suppuz que o leve aperto daquelles dedos magros sobre a manga do meu paletot significasse um appello á minha discreção. Mas não: era um gesto de despedida. Porque os seus olhos não se abriram mais, nem mesmo quando a luz da alvorada cantou na garganta dos passaros e o corpo de Helena se abateu soluçante sobre o branco lençol que o cobria com um frio sudario.

LEÃO PADILHA

Ideas no ar

Berilo Neves

(A PROPOSITO DO "HINDENBURG")

A victoria do dirigivel é a victoria do "mais leve que o ar" sobre o "mais pesado que o ar". As mulheres de cabeça de vento devem alegrar-se com isso: um dia chegará a vez dellas...

O espaço é a **terra de ninguem**, onde os urubús ganham a vida e os aviadores arriscam a delles...

Dá-se o nome de **zeppelin** a um charuto de seda, com arcabouço de aluminio e alma de hydrogenio...

Os **zeppelins** levam sobre as damas uma grande vantagem: são perfeitamente dirigiveis, mesmo com mau tempo...

O dirigivel é a realização plena do ideal de um pae de familia aborrecido da vida: ir pelos ares com a familia inteira...

A's mulheres gordas faltam duas cousas para terem a imponencia e a utilidade de um **zeppelin**: a dirigibilidade e a leveza...

Voar para a Europa é dar um pulo sobre o Atlantico, seguro em quatro motores Diesel. Casar é dar um pulo no Futuro, agarrado aos cabellos curtos de uma mulher que, muita vez, não tem outra cousa por onde se lhe pegue...

Uma senhora rotunda, andando na rua Gonçalves Dias com um pequeno embrulho seguro por um cordel, é um **zeppelin** distrahindo as turbas com a sua barquinha...

Uma senhora gorda, num dia de chuva, espiando, da janella da sua casa, o movimento das ruas — é um **zeppelin** "recolhido ao **hangar** por força do mau tempo"...

Uma mocinha magricela, puxada á mão pela mãe obesa e lenta, é o que se chama" "um avião de caça protegido por um dirigivel contra apparelhos de bombardeio em zona perigosa"...

"**Entre o movimento e o tumulo ha, sempre, alguma cousa: o espaço...**" (idéas de um aviador solteiro).

Entre a joven **solteira** e delgada, de 16 annos, e a dama adiposa e casada, de 40 — existe a **mesma** differença psychologica que separa um furacão do mar das Antilhas do espirro de um gato resfriado...

Os dirigiveis, como as sogras, conhecem-se ao longe pelo ruido que fazem...

O marido de uma senhora volumosa é o "poste da amarração" do **zeppelin**...

Dá-se o nome de **furacão** a uma porção do ar atmospherico que ficou maluco...

O **estado gazoso** é aquelle em que a gente sobe mais depressa, na vida...

Tudo, na vida, depende do ponto de vista em que a gente se colloca. O macaco não constroe dirigiveis, mas tem a sensação de ser um aviador...

"**O espaço é uma cousa que serve para tudo, menos para gente se agarrar nelle**" (idéas de um accidentado da aviação).

O hydrogenio é o gaz mais leve que existe no mundo. Será que a cabeça de certas mulheres está cheia de hydrogenio?...

O helio leva sobre o hydrogenio a vantagem de não ser inflammavel... O helio é um gaz de boa familia...

Nada como a posição para mudar o aspecto das cousas; da barquinha de um **zeppelin** um burro que pasta pode semelhar uma andorinha em repouso...

O prazer de ver as nuvens de perto tem custado muita perna quebrada neste mundo...

O gaz é um sujeito que só é **util quando** preso. Exemplo: os **zeppelins**...

A antiguidade conheceu o "cavallo marinho", que mettia medo ás caravellas, em todos os **mares**. O seculo XX conhece o **burro aereo**, isto é, o sujeito que vae á Europa, em viagem de nupcias, a bordo de um **zeppelin** e leva a sogra...

Para subir muito, é preciso deitar fóra alguma cousa. Isto é da technica da aeronautica e — da Vida...

Bonecos de Théo

Em 7 Dias...

Collegio Militar

General Cardenas

Victor Manoel III

Jean Batten

Goethe

Marechal Badoglio

Oswaldo Spengler

● Foi operado de appendicite o presidente do Mexico, general Cardenas, que fez questão de ser internado em um hospital commum, ficando, democraticamente, no meio dos demais enfermos.

● Inaugurou-se em sua séde, no Palace Hotel, o 8º Salão dos Artistas Brasileiros, constando de trabalhos de pintura e esculptura.

● Foi nomeado director da Caixa Economica, com actuação no Conselho Administrativo, o Sr. Antonio da Veiga Faria, para substituir o Sr. Antenor Mayrink Veiga, exonerado a pedido.

● A aviadora Jean Batten, que esteve recentemente no Brasil, foi condecorada pelo governo francez com as insignias da Legião de Honra.

● O presidente da Republica de Costa Rica, Sr. Oceamuno, com 77 annos de idade, casou-se com uma joven de apenas 22 primaveras.

● Attendendo á solicitação do Ministerio de Imprensa e Propaganda, da Italia, o Departamento Nacional de Propaganda fez retransmittir pela "Hora do Brasil" os discursos de Mussolini e do rei Victor Manuel III na reunião do Grando Conselho Fascista, quando este tomara deliberações sobre a annexação da Abyssinia ao reino da Italia.

● O marechal Pietro Badoglio foi nomeado vice-rei da Ethiopia.

● A Camara Municipal, por proposta do vereador Frederico Trotta, approvou unanimemente a suggestão a ser encaminhada ao Prefeito, para a adopção da "semana ingleza" nas repartições municipaes.

● Com a idade de 56 annos, morreu, na cidade de Munich, o philosopho allemão Osvaldo Spengler, autor de "A decadencia do Occidente", uma das mais discutidas obras de pensadores contemporaneos.

● Foi levantada a incommunicabilidade a que estavam sujeitos os presos politicos implicados no movimento extremista de Novembro ultimo nesta capital e no Rio G. do Norte.

● A turma da Escola de Policia de S. Paulo escolheu para seu paranympho o capitão Filinto Muller.

● O governo do Reich resolveu mandar riscar o nome de Goethe das anthologias allemãs, porque o genial autor do "Fausto" não era aryano puro.

● Regressou de sua viagem aos Estados Unidos a Senhora Darcy Vargas, esposa do presidente da Republica.

● Foi commemorada com solemnidade a passagem do 47º anniversario da fundação do Collegio Militar do Rio de Janeiro, instituição que obedece actualmente ao commando do coronel João Marcelino Ferreira e Silva.

UM NAUFRAGIO SEM CONSEQUENCIAS

DIA a dia se torna maior o interesse despertado pelo espirituoso certamen lançado pelo O MALHO, intitulado "Concurso do Naufragio".

Imaginando terem-se reunido em um navio todos os poetas vivos do Brasil, O MALHO formulou a hypothese de um naufragio dessa lyrica nau, á altura da Ilha Rasa, dando a cada leitor o direito de se figurar assistente dessa catastrophe horrenda, em um pequeno bote de pesca, só podendo salvar 3 dos candidatos a afogamento. E dirigiu aos leitores a pergunta:

— *Si estivesse no bote, quaes os tres vates que escolheria para salvar do naufragio?*

As bases para esse original plebiscito são as mais liberaes, podendo cada leitor remetter quantas cedulas desejar, desde que, em cada uma, ponha os nomes de 3 poetas. No caso de vir em uma cedula, repetido, um unico nome, só será contado 1 voto para esse candidato. Não ha justificação de votos e nem esses são assignados. Os votos serão recebidos até 10 de Agosto vindouro, improrogavelmente, e depois desse prazo será marcada a data da apuração final, que será feita publicamente por uma commissão de pessoas estranhas á nossa redacção.

Feita essa apuração final, e constatados quaes os tres poetas salvos pelo maior numero de votos obtidos, a cada um desses o O MALHO abrirá um credito de Rs. 500$000 na Livraria Freitas Bastos, para acquisição de livros á sua escolha.

AS APURAÇÕES PARCIAES

Cada semana O MALHO publicará nesta pagina o resultado das votações obtidas pelos poetas naufragos até a semana anterior, divulgando mesmo os nomes dos menos votados.

Para evitar má interpretação, frisamos aqui que O MALHO não tem preferencias nem candidatos, sendo que as caricaturas que nesta pagina apparecem, têm simplesmente o fim de illustral-a, e não de suggestionar os leitores.

Os votos só são apurados quando remettidos em enveloppe fechado, com o endereço: "Concurso do Naufragio" — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — e as cedulas até hoje apuradas estão em nossa redacção á disposição de qualquer leitor ou candidato, para verificação.

UMA CABALA INTERESSANTE

Os nossos collegas do CORREIO UNIVERSAL interessados no certamen lançado pelo O MALHO, publicaram em sua ultima edição a lista dos seus favoritos, que não nos furtamos ao prazer de reproduzir aqui:

"Favoritos do CORREIO UNIVERSAL: — Martins Fontes, Belmiro Braga, Luiz Edmundo, Bastos Tigre, Menotti Del Bicchia, Ribeiro Couto, Catullo Cearense e Alvaro Armando".

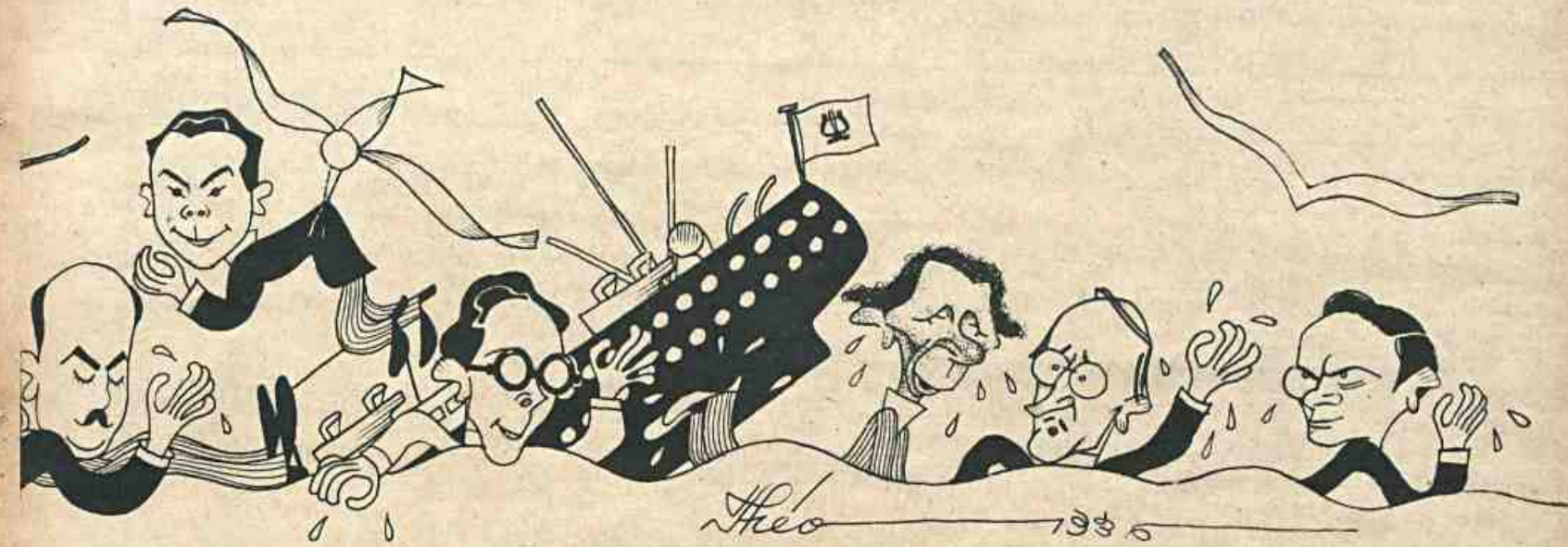
CONCURSO DO NAUFRAGIO

OS TRES POETAS SALVOS:

. . . .

. . . .

. . . .

Cedula que deverá ser preenchida pelo eleitor e remettida em enveloppe fechado para a nossa redacção, á Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

UMA CHRONICA INSPIRADA NO CONCURSO DO NAUFRAGIO

No "Supplemento" do "Jornal do Brasil" o poeta e escriptor Paulo Gustavo que hoje apparece com significativa votação, publicou interessante chronica inspirada no lançamento deste concurso, transcrevendo graciosa carta que recebeu de uma sua admiradora a respeito do mesmo.

UM SONETO SOBRE O CONCURSO

Fomos surprehendidos com o recebimento de um espirituoso soneto de autoria do Poeta humorista Telles de Meirelles, que o leitor terá o prazer de ler nesta mesma pagina, onde o transcrevemos gostosamente:

OS AFOGADOS DO MALHO

O *Malho* por demais encorajado
Resolveu afogar sem piedade
De poetas tão grande quantidade
Que fez ficar o mundo embasbacado.

— Deve por isso ser felicitado,
Porque extinguindo tal calamidade
As raias tocará da heroicidade
Por feito ser devéras elevado .

Mas, o peior, porém, é tão sómente
Tres do excessivo bando d'essa gente
No mergulho final, ter salvação"

Por mim, não acho a cousa assim completa
Pois basta que se salve um só poeta
Para nunca acabar a geração.

Telles de Meirelles.

Maio de 1936.

A TERCEIRA APURAÇÃO

E' o seguinte o resultado, em terceira apuração, dos esforços humanitarios dos nossos leitores para salvarem os poetas vivos do Brasil em perigo de Vida:

	votos
1º) Alberto de Oliveira	**79**
2º) Adelmar Tavares	**75**
3º) Olegario Marianno	**67**
Belmiro Braga	51
Guilherme de Almeida	42
Attilio Milano	28
Oswaldo Santiago	25
Catulo Cearense	19
Paulo Gustavo	19
Bastos Tigre	14
J. G. de Araujo Jorge	13
Brant Horta	12
Martins Fontes	12
Raul Machado	10
Menotti del Picchia	10
A. J. Pereira da Silva	10
Luiz Peixoto	9
Padre Antonio Tohmaz	8
Passos Cabral	8
Prado Maia	8
Augusto de Lima Junior	7
Goulart de Andrade	7
Altamirando Requião	6
Bastos Portella	6
Cleomenes Campos	6
Filinto de Almeida	6
Modesto de Abreu	6
Padua de Almeida	6

Obtiveram 5 votos:

Da Costa e Silva, Jonathas Serrano, Paulo Gama e Zeferino Brasil.

Obtiveram 4 votos:

Affonso Celso, Cassiano Ricardo, Leoncio Corrêa, Luiz Guimarães Junior, Luiz Edmundo, Oswaldo Orico, Theodorico de Almeida e Vargas Netto.

Obtiveram 3 votos:

Alberto Ramos, Affonso de Carvalho, Ary Pavão, Ascenço Ferreira, Brasilio de Magalhães, Benedicto Lopes, Carlos Maúl, Darcy Teixeira Monteiro, Haroldo Daltro, Julio Salusse, Leão de Vasconcellos, Murillo Araujo, Nobrega de Siqueira, Orestes Barbosa, Petrarcha Maranhão e Silveira Netto.

Obtiveram 2 votos:

Alfredo Complido de Sant'Anna, Affonso Schmidt, Aloysio de Castro, Carlos Magalhães de Azeredo, Clovis Monteiro, Dante Milano, Eustorgio Wanderley, Gilberto Amado, Horacio Cartier, Jorge de Lima, Leal de Souza, Luiz Martins, Lindolpho Gomes, Murillo Mendes, Nilo Bruzzi, Onestaldo Pennaforte, Odilon Negrão, Raul Bopp, Renato Travassos, D. Silverio Gomes Pimenta, Tasso da Silveira e Theodomiro Tostes.

Obtiveram um voto:

Alvaro Bomilcar, Arnaldo Damasceno Vieira, Antonio Salles, Alvaro Moreyra, Austro Costa, Coelho Costa, Cyro Costa, Caio de Mello Franco, Durval de Moraes, Esdras Farias, Galvão de Queiroz, Helio Costa, Honorio Harmond, Lobivar Mattos, Laurindo de Britto, Martins Napoleão, Mario Peixoto, Mucio Leão, Oliveira e Silva, Oliveira Ribeiro Netto, Oscar Lopes, Pereira Reis Junior, Ribeiro Couto, Roberto Gil, Sabino de Campos, Sylvio Julio, Sabastião Fernandes, Urquiza Valença, Valença Leal e Virgilio Brigido Fº.

HUMORISMO ALHEIO

— Quando cheguei ao Rio, só tinha de meu um terno e algumas moedas...

— Pois eu, nem moedas nem roupa!

— Mas isso é impossivel! Você está brincando...

— Impossivel? Eu nasci aqui no Rio...

Fazendo trocadilho.

— Patife! Beberrão! Tu sempre dizias que me havias de adorar!

— Pois é... Prometti a... *dorar* e agora te *prateio*...

De viagem para a Europa. — A bordo do do "General Osorio", partiu, a 5 do corrente, o Sr. Frederico Will, proprietario da Agencia Will e da Livraria Allemã. Nesta sua viagem, o Sr. Will, que leva em sua companhia o seu filho Frithiof, pretende visitar a Allemanha e outros paizes da Europa, devendo regressar ao Rio, em Setembro. A photographia acima nos mostra o Sr. Will acompanhado de seu filho.

NO CÉU

Socrates — Estou aqui, porque bebi cicuta.

O outro — Pois eu, não. Eu tomei um chá que minha sogra fez.

— "Seu" guarda, por que não conduz tambem o meu cãozinho?

z — Foi o senhor quem me indicou aquella cozinheira?

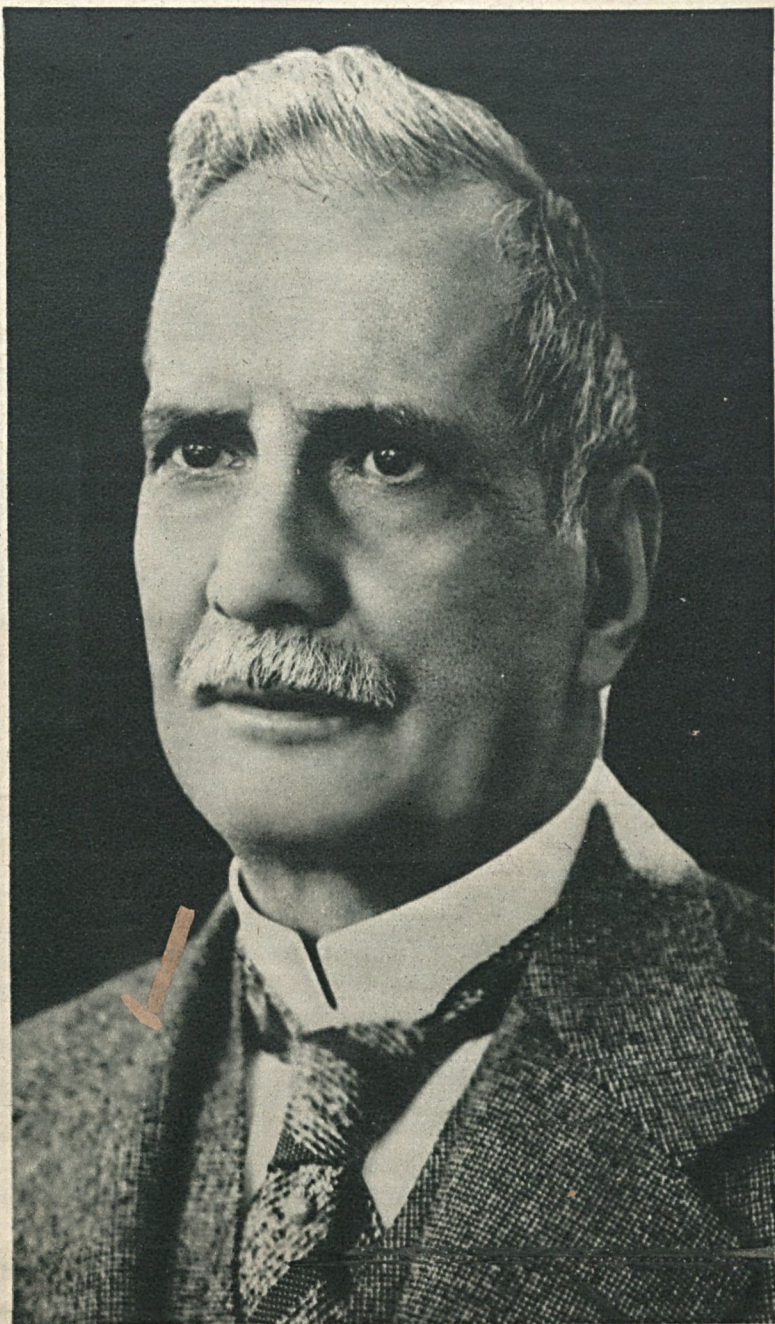
— Fui eu, sim...

— Pois eu vim buscal-o para comer, commigo, o jantar que ella fez!!!

"O Malho" amigo dos sports. — Taça "S. A. O Malho", offerecida por este semanario, por intermedio de nossos agentes Vva. Luciano Lages & Filho, da cidade de Rio Grande, ao club de foot-ball gaúcho que obtiver o titulo de campeão reconhecido pela Associação Rio Grandense de Foot-Ball.

A offerta é feita como demonstração de sympathia á cidade de Rio Grande.

SPORT E ARTE PHOTOGRAPHICA — Interessante instantaneo tomado na ultima corrida de veleiros, do barco "Thieso", vencedor da Taça "Raul Leite", tripulado pelos Drs. Helio Veiga e Leopoldo Geyer, presidente da associação dos veleiros do Rio Grande do Sul.

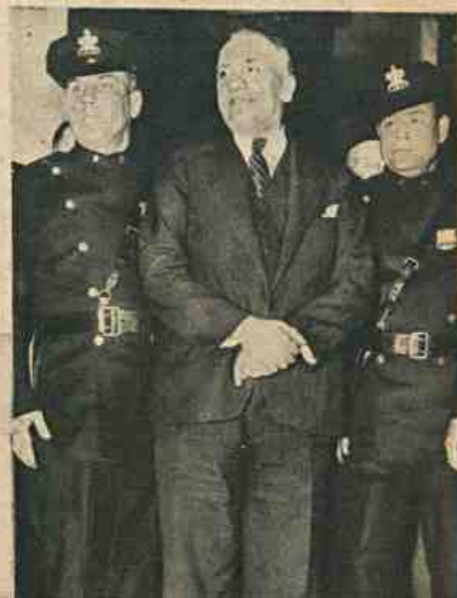
O 1° ANNIVERSARIO DE CESAR EUGENIO — Grupo feito na residencia do casal Adherbal Mello — Yolanda Adamo de Mello, quando do primeiro anniversario do seu galante filhinho Cesar Eugenio, occorrido no dia 25 de Abril.

DESAPPARECE UM VELHO BEMFEITOR DA POBREZA

Com a morte do Sr. João Antonio de Almeida Gonzaga, perde o Rio de Janeiro um dos seus maiores corações. Homem modesto, contrario a toda especie de exhibicionismo, nunca fez praça das suas virtudes, nem quiz jamais apparecer como um bemfeitor dos seus semelhantes. Mas os pobres da cidade, a "pobreza envergonhada" que o procurava, todos os mezes, os seus empregados e ex-empregados que elle nunca abandonou nas afflicções da penuria — estes sabem de que ouro era feito o coração do bom velho Gonzaga.

Era daquelles que seguiam ao pé da letra o principio christão de que a mão direita não deve saber o que dá a esquerda. Foi, verdadeiramente, o pae de muitos pobres, cujas lagrimas elle enxugou, com a tranquilla modestia que presidia todos os seus actos.

PARA A CONFERENCIA DE LONDRES — Aspecto da chegada, a Croydon (Inglat.), do Sr. Joachim von Ribbentrop, embaixador allemão junto á Liga das Nações, (á esquerda, de sobretudo cinza). Acompanhava-o Von Hoesch, embaixador da Allemanha na Inglaterra.

LUA DE MEL — No palacio real de Pirama (Albania) realizaram-se os esponsaes do principe Abib, da Turquia, com a filha mais nova do rei Zog, a princeza Senije. Os nubentes foram passar a lua de mel em Roma, de onde partirão para Paris. Instantaneo de seu desembarque na Cidade Eterna.

ECHOS DO CASO LINDBERGH — Instantaneo tirado á porta do tribunal de Trenton, quando era conduzido, para depor no processo Hauptmann, o ex-advogado Paul Wendel, cujas sensacionaes declarações fizeram sustar por 72 horas a execução de Hauptmann.

A HECATOMBE DE GAINSVILLE — Trabalhadores removendo os escombros a que ficou reduzido o Paço da Municipalidade, depois do medonho tornado que varreu aquella localidade americana.

Olinda

Mario Sette

illustração de Di Cavalcanti

EU não vou hoje a Pernambuco que não visite Olinda. A velha cidade é, para mim, uma amorosa tia de creação, ciumenta de Recife, que é minha mãe. Ambas, uma defronte da outra, chamando-me, amimando-me, fazem meu coração se desdobrar nos carinhos que as duas me merecem.

Nessas visitas a Olinda ha um sabor e um encanto tão intimos, tão doces, que se tornam indefiniveis. Enche-se-me de affecto, de alegria, de ternura o olhar no rever a Olinda cá de baixo, praiana, moderna, na festa dos seus coqueiros, das suas jangadas, do seu mar; e lá de cima, senhoril, antiga, silenciosa, na evocação de seus conventos, de suas ruinas, de seus nichos...

Uma me recorda de preferencia a infancia, os nataes de outróra, com banhos salgados de madrugada, apanha de mariscos, travessuras na beira-mar, passeios para trazer cajús, viagens nas maxambombas. A outra fala-me mais da juventude e do começo da idade madura: — lembra-me tempos de noivado e meninice de meus filhos que me esperavam á tarde no jardim do Carmo para subirem commigo até São Bento.

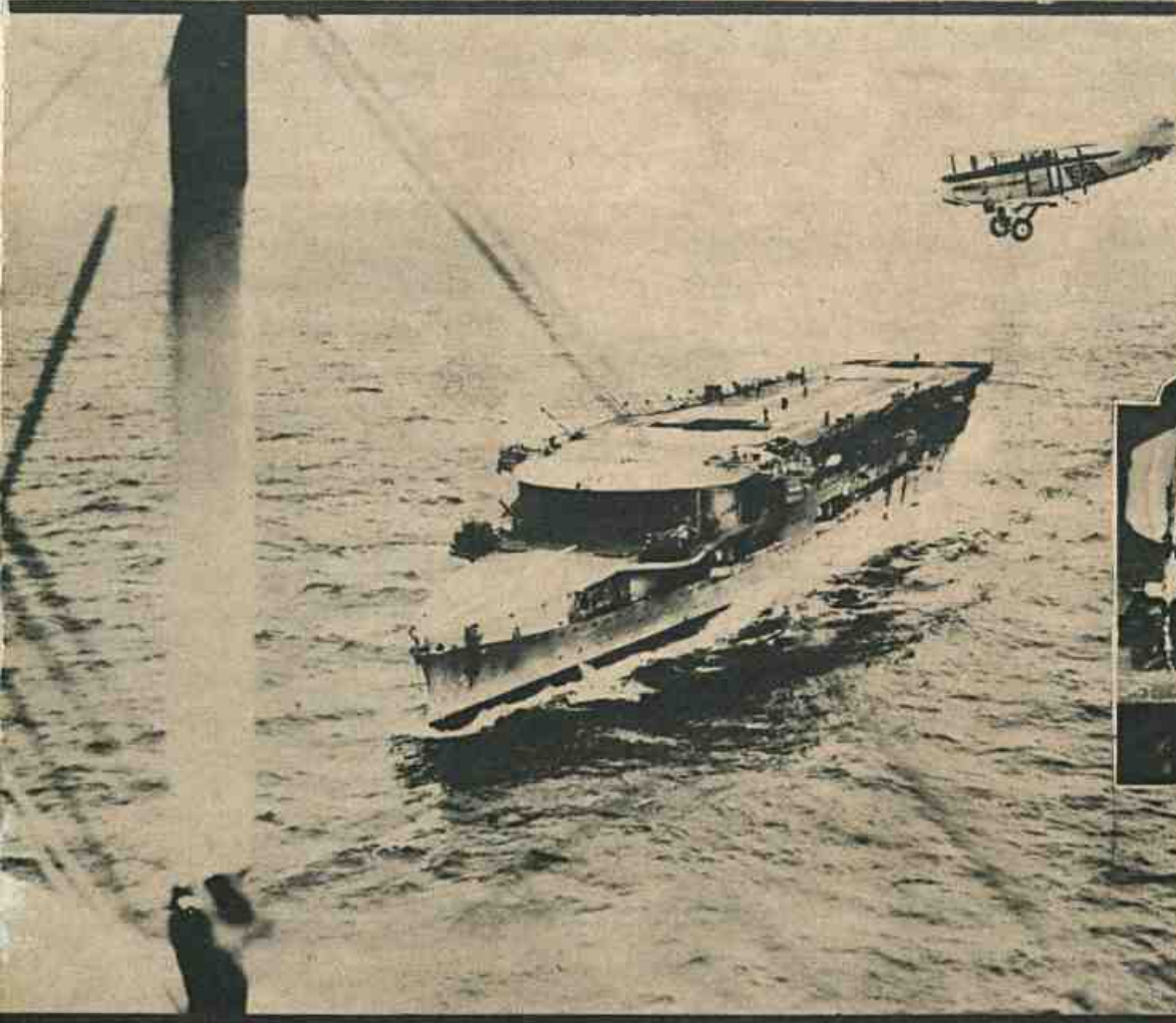
Revejo com uma emoção mal contida a poesia daquellas ruas calmas e ladeirosas, daquelles pateos esteirados de capim, daquelles beccos espremidos, daquellas casas terreas de rotulas em xadrez, daquellas igrejas de azulejos bonitos, daquelles conventos com uns postigos nos parlatorios, onde surdem cabeças tonsuradas de frades e rostos anemicos de freiras... Torno a ouvir com saudade, as vozes dos sinos e reconheço-os um a um: — fanhosos ou sonoros. O do Carmo, o da Sé, o de São Francisco, o de São João, o dos Milagres... Até os typos que vou reencontrando parecem ser sempre os mesmos: — um empregado publico aposentado que conversa numa pharmacia dos Quatro Cantos; uma velha beata que sahe do terço em São Pedro; um vendedor de peixe do meu tempo de menino; um padre que desce a escadaria do Seminario...

Tudinho como dantes. Biqueiras, devoção, quietude, ladeiras, procissões, mexericos, nomes... E a doçura desses nomes que eu repito baixinho commigo: — rua do Amparo, becco do Bomfim, pateo de São Pedro, caminho do Monte, bica do Rosario, capellinha da Boa Hora, oitão da Misericordia, sitio do Manguinho, convento da Conceiçãozinha, estrada do Amaro Branco, ladeira do Varadouro...

Por toda parte, Olinda, tia bondosa, me conta historias, as mesmas de outróra, mas ouvidas por mim com o interesse de uma novidade, tão bonitas, tão suaves ellas são.

Afinal, essas historias de Olinda deixam de ser sómente as do seu passado, para ser as do meu proprio passado, tambem, porque já vou envelhecendo e ali muitos annos vivi.

O MUNDO EM REVISTA

CHEGADA FELIZ — O "Furious", da aviação britannica, passando sobre um porta-aviões, quando descia ao largo das ilhas Canarias, depois de um brilhante vôo.

FEMINISTAS AMERICANAS — A Sra. Oliver Harriman, leader das socialistas de New York. Seu nome figurou, ha pouco, nos diarios, quando da questão da legalisação das loterias.

DEFESA DE UM ACCUSADO — Reabriu-se, em Washington, a 2 de Março, o Gabinete Negro de Investigações. Entre os primeiros casos tratados figurou o dos telegrammas passados pelo Sr. Severson, da "R. L. Heat and Power Cº", de Buffalo, e de "Dominion Natural Gas Cº. Ltd.", de Ontario, a congressistas durante os debates do relatorio sobre a utilidade de certos machinismos. O Sr. Severson (á direita, lendo) desculpou-se das accusações que pesavam sobre elle.

O GABINETE DO FÜHRER — São estes os homens que vêm trabalhando com Adolf Hitler na ardua missão, de que lhes incumbiu o povo allemão. Distinguem-se o Führer, o ministro Goering, o barão von Neurath, o general von Blomberg, o Dr. Goebbels.

ONDE A RAÇA SE APERFEIÇÔA AO RYTHMO DOS SPORTS

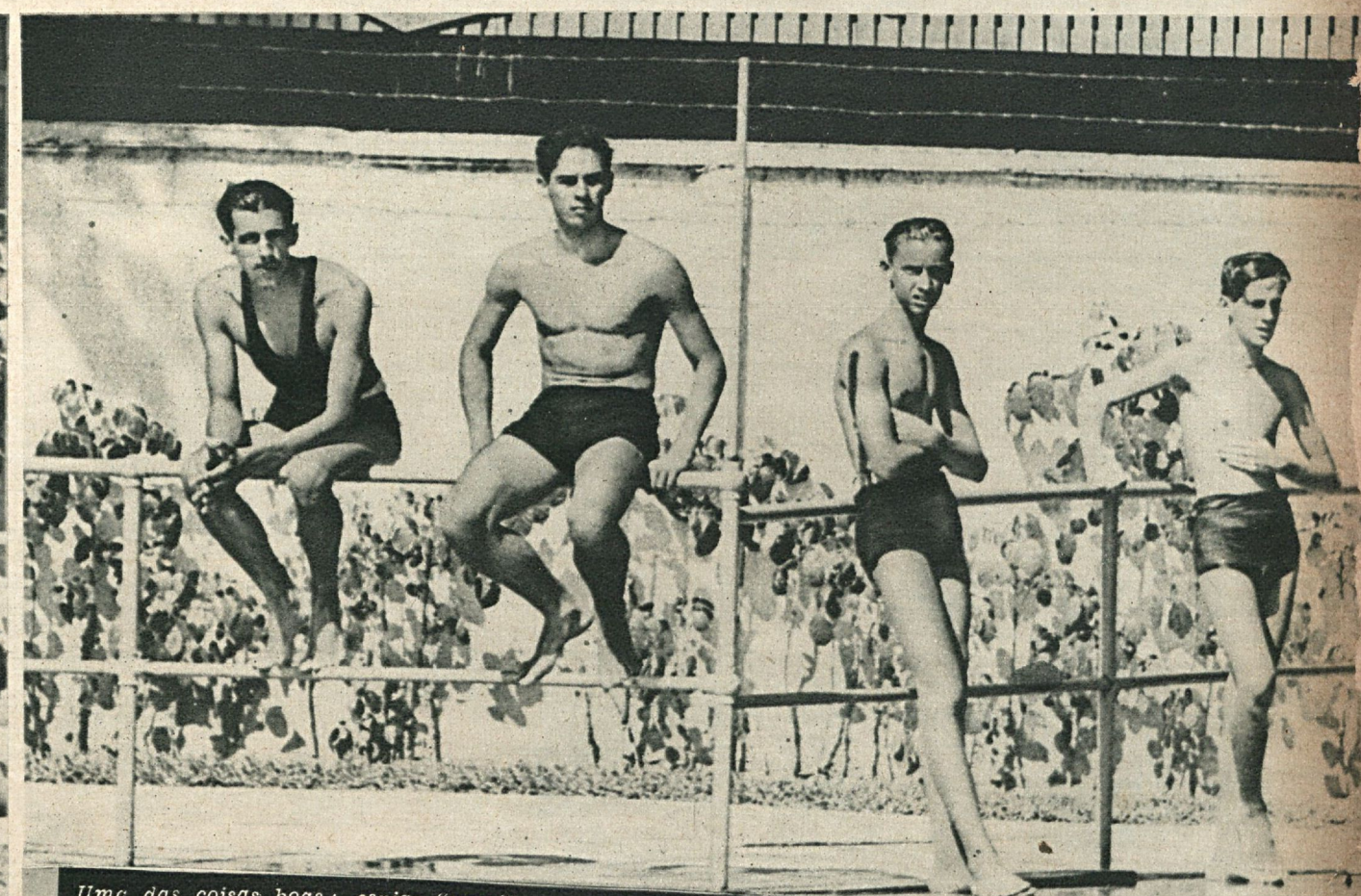
A piscina do "C. R. Guanabara" é logar elegante da cidade. Ali se reune a *élite* carioca affeiçoada á natação e á cultura physica. Musculaturas *respeitaveis* se ostentam ao lado de plasticas impeccaveis, infundindo sensação de bem estar, de harmonia, de rythmo vital que enthusiasma.

A' piscina do Guanabara poder-se-ia chamar de "*officina de eugenia*", sem exaggero algum. Porque á margem daquellas aguas encerradas entre quatro paredes, toda uma forte mocidade se agita em busca do "*corpore sano*" do aphorismo connecido.

Dois minutos de hesitação. A agua está fria... O calor já não está forte agora, nas manhãs brumosas de Maio.

Agua gostosa! Que pena a gente ter que sahir della, e ir para a Escola!! Por que é que a Escola não é dentro d'agua?...

Aspecto geral da Piscina do Guanabara.

Um sorriso para o sol, para a manhã clara, para a agua transparente... Sobra um pouquinho para o leitor...

Uma das coisas boas: espiar "maré", ou seja, espiar o movimento de nadadoras que frequentam a piscina...

ENLACE HOHL-KEETMAN

Senhorita Elisabeth Hohl, filha do Rev. J. Hohl, pastor da Egreja Lutherana de Petropolis, no dia do seu matrimonio com o Sr. Wilhelm Keetman, do alto commercio desta praça.

Os noivos entre os convidados, após o acto matrimonial em que se fizeram representar, brilhantemente, a alta sociedade carioca e a colonia allemã.

UMA CONFERENCIA SOBRE A REFORMA DO ENSINO

Mesa do Circulo de Paes e Professores do "Collegio Pedro I", por occasião da brilhante conferencia do professor e escriptor Agenor de Carvoliva sobre "A reforma do Ensino".

O escriptor Agenor de Carvoliva, visto por Nemesio.

Aspecto da assistencia á conferencia do professor Carvoliva, no salão do "Collegio Pedro I"

Como a Escola Superior de Commercio estimula seus alumnos

Dr. Julio de Abreu Gomes, director.

A Escola Superior de Commercio, dirigida pelo espirito experimentado e culto do Dr. Julio de Abreu Gomes, acaba de tomar uma iniciativa de alto merecimento e que consiste em premiar condignamente os alumnos que mais se distinguirem a partir de 1936.

Com a constituição desses premios ao esforço e á consciencia escolar do alumno, essa escola commemora a data do jubileu da fundação, a festejar-se no proximo anno.

O 1º premio consistirá numa viagem ao Norte ou ao Sul do Brasil, em navio do "Lloyd Brasileiro", ao alumno que, este anno, mais se distinguir no curso de bacharelato em sciencia economicas.

O 2º premio será de matricula gratuita no Curso de Administração e Finanças, inclusive do diploma de perito contador, taxa Universitaria, aos tres alumnos mais distinctos que concluirem o curso de perito contador.

Além desses, haverá ainda mais seis premios de grande importancia e que, como os demais, se fundam no merecimento dos alumnos durante o anno lectivo corrente. Consistem elles no direito a matriculas gratuitas, descontos, cadernetas na Caixa Economica, etc.

Ora, essa providencia adoptada pelo Dr. Julio de Abreu Gomes, *ad-referendum* do Conselho Technico, mostra o grande interesse que o estabelecimento empresta ao aproveitamento dos seus alumnos, creando-lhes estimulos muito significativos.

AS ELEIÇÕES DA A. B. I.

Aspecto da reunião do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa, quando procedia á eleição da directoria que orientará, de 13 de Maio de 1936 a egual data de 1937 os destinos da Casa dos Jornalistas.

A VICTORIA DAS ARMAS DA ITALIA

Aspecto da assistencia á commemoração promovida pela Embaixada Italiana, nesta Capital, para commemorar a victoria das armas da Italia na Africa, conquistando definitivamente a Ethiopia para a corôa de S. M. Victor Emmanuel III.

O sêr humano sente necessidade da illusão para viver e, por isso, os magicos constituem um perenne encanto.

A ILLUSÃO MAGICA

Por DE MATTOS PINTO

Durante alguns seculos, a magia triumphou gloriosa, como verdade enigmatica. Os primitivos abusaram dos mythos e dos duendes, crearam entidades extraordinarias, uma especie de sacerdotes: — os bruxos. E tanto se avolumou a onda de fascinação, diffundida pelo satanismo atravez dos povos, que nem os philosophos de Athenas e de Alexandria escaparam ao encanto dos symbolos fantasticos.

Platão se refere ao envotamento entre os gregos. Os historiadores, a maioria pelo menos, falam dos rituaes espantosos da Thessalia, onde os nigromantes provocavam a morte com bonecos de cêra. Tratava-se de pequenas imagens, semelhantes ás pessoas que desejavam matar e que elles crivavam com agulhas. Horacio, Apuleo e Tertuliano descrevem numerosos casos de envotamento nos seus escriptos. Democrito, Pythagoras, Empedocio e Hippocrates soffreram incriminações de pesquizar as altas sciencias magicas, cuja fama romanesca chegou até os nossos dias. Democrito e outros philosophos gregos conheceram hervas possantes, extraordinarias, mirificas, capazes de evocar os duendes. Varios livros de bruxaria e de occultismo, os povos os attribuem a Zoroastro, Pythagoras, Salomão e Aristoteles. A sabedoria deste ultimo passava por ser illustrada no convivio do satanismo. Plinio narra tambem que Appion evocava o demonio para saber do mesmo onde ficava a patria de Homero. E no seculo XV, Hermolao Barbaro fez uma evocação fantastica de Satan, para indagar da fabulosa divindade do Averno, o que Aristoteles entendia por *entelechia*, termo de que o philosopho millenar se servia, afim de exprimir todas as perfeições naturaes da alma.

Os mythos se desenvolveram numa época innocente da nossa especie, quando o homem não conseguia decompôr os phenomenos em idéas. A synthese mythologica representa a primeira phase das grandes conquistas mentaes, cujo symbolismo se aperfeiçoou atravez de erros millenares, até construir as abstracções da algebra. Nas investigações sobre a realidade dos vampiros Calmet acabou por se convencer, de que o nome *Sabbat* não proveio dos antigos, Hebreus, Egypcios, Gregos, Latinos. Descrevendo as assembléas nocturnas dos magos das sciencias secretas, Horacio não empregou jámais o vocabulo enigmatico. De onde veiu, então a lenda do *Sabbat* com o espanto dos seus prodigios avernaes? *Sabbat* quer dizer, no sentido occultista, reunião de pessoas cultuando os duendes e parece remontar do ritual dos congressos judaicos, nas exaltações das synagogas, no dia de Sabbat. Outros fazem derivar essa expressão equivoca de Sabbatius, um dos epithetos mythologicos de Baccho. Sabbat pode ser interpretado como um desses symbolos de superstição macabra, mal definidos, de origem obscura, emphaticos e lugubres, que se prestam ás acce pções mais estranhas. Symbolo nebuloso, propagado pela Idade-Média, quando fervilhavam as forças secretas, as manfestações magicas, o magnetismo satanico, os fantasmas sombrios e exoticos.

Os magos operavam maravilhas, com beberagens artificiosas e a feitiçaria usava as aberrações inconscientes dos sentidos, para illudir os crentes. Sabemos, pelos escriptos de Herodoto, que os Scythas se embriagavam aspirando o perfume de uma especie de canhamo, lançado sobre pedras avermelhadas no fogo. Os medicos do nosso tempo verificaram que o odôr do meimendro, sobretudo quando o calor exalta a planta, predispõe á colera, irrita o temperamento, excita os individuos ás disputas. Nada mais incontestavel confirmava Salverte, que os thaumaturgos se servem do illusionismo da imaginação.

A magia gira em torno das forças ignoradas da vida e os occultistas se valem do invisivel, para construir os seus momentos de hypotheses sonoras. O delirio do mundo secreto invadiu mesmo a litteratura classica. No Canto XI, da *Odysséa*, Homero descreveu com luxo de minucias, as evocações de occultismo. Dante superou na *Divina Comedia* todos os poetas avernaes. No seculo XVI, com Agrippa, conheceram-se as materialisações espectaculosas, das sombras do além. O universal Shakespeare poz um fantasma em scena, na tragedia *Hamlet*. Como bem percebeu Goethe, o mysticismo dirige a escolastica do coração, commanda a dialectica do sentimento. O espirito humano está architectado de tal forma, que a alma não sabe viver sem o encanto do sonho.

Germaine Dermoz

René Rocher

Jane Chevrel

Louis Allibert

Uma Companhia franceza de Comedias para o Municipal

A temporada theatral deste anno vae trazer ao Municipal, por estes dias proximos, a Companhia Franceza de Comedias do "Théatre du Vieux Colombier", um dos conjuntos mais brilhantes e harmonicos que têm actuado, ultimamente, em Paris.

Della fazem parte Jane Chevrel, Germaine Dermoz, Germaine Risse, François Rozet, Louis Allibert. Na direcção, acha-se René Rocher, um dos mais finos artistas do theatro francez.

Ella marcará, sem duvida nenhuma, um dos maiores exitos da temporada deste anno.

François Rozet

Claude Genia

Yvette Andreyor

Germaine Risse

Pelas audaciosas apostas conseguiu numa noite gloriosa, desbancar Monte Carlo, e arrebatar o coração de uma linda mulher !!!

UMA PRODUCÇÃO DE DARRYL ZANUCK

COM

JOAN BENNETT e NIGEL BRUCE

20th CENTURY FOX

EM EXHIBIÇÃO NO CINEMA REX

Outomno

VOCÊ se lembra dos outomnos em Paris?

As arvores despem-se, aos poucos, de suas folhas. Despem-se, devagar, como se tivessem pudor. Isso, no começo da estação. Depois, em poucos dias, entregando-se a alguns ventos mais fortes, ellas apparecem nuas e espectraes...

A transformação é assustadora.

As avenidas, que tinham ares de bosques, carregados de sombra e de um céo de folhas, ficam macabras com as suas duas alas symetricas de esqueletos de arvores...

E' o outomno!...

O outomno que arrasa o verde das arvores, afugenta os passaros e ameaça a miseria.

A's primeiras, elle dirá:

— Tu não terás folhas!

Aos segundos:

— Tu não terás ninho!

A' terceira:

— Tu terás fome e terás frio!...

O outomno carioca é muito differente. Elle não ameaça ninguem — nem as arvores, nem os homens. Mas faz peor — elle insinúa, em todas as almas, o doce veneno da melancolia...

Não sei o que sentirão os passaros, nem sei o que sentirão as folhas, mas sei o mal que o outomno carioca faz á alma dos homens...

A mim, elle me traz todas as saudades do mundo, até das coisas que não conheci e das saudades que não tive...

Até de você a quem perguntei se se lembrava dos outomnos de Paris e que eu não sei quem é!...

De você e de todas as mulheres que passaram pelos sonhos da minha adolescencia e pelas minhas desillusões de homem.

O outomno carioca respeita as folhas nas arvores, não assusta os passaros, nem apavora a miseria, mas traz, com os seus primeiros frios, pela atmosphera azul de um sol que não queima, como que toda a melancolia das arvores sem folhas e dos passaros sem abrigo.

Os dias claros e frios dão a impressão de mulheres bellas e indifferentes.

E parecem fazer da felicidade — uma coisa ainda mais distante...

BENJAMIM COSTALLAT

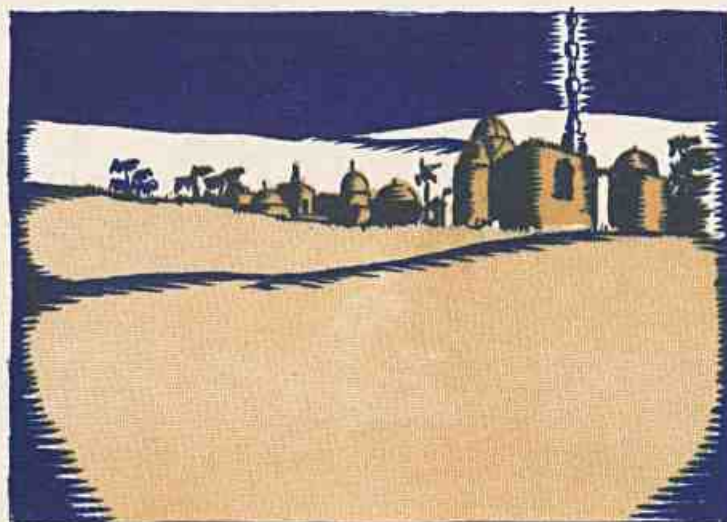
MELANCOLIA

HUVA constante, impertinente
e fria!
Como tu falas á minha alma doente,
á minha alma
sombria!...

Tenho para ti, chuva, o coração
aberto;
como o enfermo
inquieto,
que agua quer beber!
Mata-me esta sêde,
esta febre intensa,
que me faz soffrer...
Que me tortura...

Que o meu coração fique bem
gelado;
bem petrificado
em fundura immensa...
E branco como
a neve,
como a neve pura!

Mas que o meu espirito
viva scintillante,
vibre e sempre
cante!
Vá subindo insolito
num hymno
constante,
á mais sublime altura.

MARIA STELLA
(*Flor-do-Cardo*)

TAMARAS

EJO em teus olhos duas tamaras eguaes,
Em fórma e côr
Em tamanho e sabor,
A's que os meus dentes trincam neste instante.

Nesses teus olhos pardos, amendoados,
Rasgados,
Orientaes,
Ha um deserto distante...
Vejo em teus olhos tanta cousa rara,
Que o meu olhar inquieto, pára.

E sempre que me fitas,
Vejo, ao longe, mesquitas,
Tamareiras,
Areaes...

Tu me deixas ficar
A olhar
Horas inteiras,
Teus olhos orientaes,
Eguaes
A's tamaras que eu trinco neste instante?

CECILIA REBUÁ

Cariocologia Experimental

por Yantok

Não pense o leitor que venho aqui iniciar o curso de uma nova sciencia na Escola da Nullidade. Trata-se apenas de certas **sondagens superficiaes**, se me permittirem **o termo, na casca** do carioca, legitimo **ou especializado.**

Observações diarias, estudos de tiques, toques, manias, cacoetes e manifestações diversas do povo que nasceu á sombra do Pão de Assucar ou do Corcovado, que vive sonhando ou sonha vivendo.

Quando vemos um individuo sahir de casa suspendendo as calças é porque brigou com a mulher ou tomou alguma resolução, mas de importancia tal que não o leve atirar-se de cima do Pão de Assucar. Se elle disse, ao sahir: "Vá pro raio que t'a parta!" é portuguez. Se fosse carioca diria: "Vá pro diabo que te carregue!" E' commum fulano entrar num café e fazer um signal arqueando o indicador sobre o pollegar. Elle quer **café pequeno**, mas qualquer outro que não fosse carioca, com esse signal pediria um calice de "abrideira".

O italiano, quando discute, gesticula pelas "tripas de Judas", o portuguez solta "raios" mais do que Jupiter tonante, mas o carioca, além do seu vocabulario florido, vira o corpo de um lado, e encara o interlocutor, quasi a querer lhe morder o nariz. Gente nervosa que tem bigode não deixa de torcel-o e, quando não o tem, toca tambor com os dedos sobre qualquer objecto.

Estamos num café do centro da cidade. Não ha, entre os freguezes, duas pessoas que conservem attitude identica. Aqui ha um freguez que lê o jornal emquanto toma café, outro ali cruzou as pernas, folheou o jornal até encontrar o assumpto preferido, tomou seu cafézinho, accendeu o cigarro, jogou o pausinho no pires, recostou as espaduas no espaldar da cadeira e immergiu-se na leitura. Outro mais adeante chegou apressado, collocou o chapéo sobre a cadeira ao lado, passou a mão sobre os cabellos, reclama a chicara, sorve o café em tragos rapidos e antes de sorver o ultimo já está de pé. Tem pressa, atira o nickel e perde-se na multidão.

Dois freguezes aboletam-se numa mesa e continuam a conversa encetada na rua ou no bonde. Um delles quer pagar, mas o outro não deixa, e afinal acaba pagando quem foi convidado. Este é carioca, pois o outro excede em gentileza e falha em despesa.

Em outro logar acha-se um casal circumspecto, olhar desconfiado. Se pede café com leite, em vez de "media", nasceu longe do Rio.

O typo nervoso entra como um pé de vento, vae para cá e para lá e afinal acaba sentado onde já passou tres vezes, suspende um braço e coça o hombro, puxa as mangas para cima, vira a chicara e sacode o assucareiro bufando, damnado porque o safado do assucar teima em não sahir da fortaleza.

— Porquêra ! Parece cimento armado !

Ha quem tome seu café, pondo a mão esquerda na cintura, curvando-se muito para a frente, para não sujar as calças. Póde ficar certo de que comprou a roupa a prestações.

Em materia de esquecimento, temos das boas. Se um sujeito, que anda na rua, de repente pára, suspende o chapéo e coça os cabellos da vanguarda é porque esqueceu o recado da mulher. Este é carioca, porque se não o fôr, bate uma palmada na testa, bate o pé com força no chão, enfia as mãos nos bolsos das calças e olha para os sapatos, ou, se fôr paulista, suspende o pé direito e vira-o para o lado antes de tomar a *deliberação definitiva de retroceder*.

Quando o carioca está a fazer calculos e vê que não dá certo, coça a orelha com a extremidade do lapis. Se fôr mulher, róe a ponta da caneta.

Qualquer outro poria a perna direita meio suspensa a tremer, ou coçaria a região do cavanhaque.

E' interessante observar como se comporta uma pessoa, quando, ao atravessar uma rua, passa-lhe á frente, inopinadamente, um automovel. Se estacar e arquear para traz só a parte superior do corpo, é carioca, que já connece como certos **chauffeurs** costumam "barbear" o proximo. Qualquer outro correria para a frente ou recuaria precipitadamente, com risco de cahir sob as rodas de outro auto.

Em materia de pontualidade o carioca leva a palma. Se prometteu que não faltaria, só chega tres horas depois, mas se jurou, então não vae mesmo. Entretanto, tem elle labia tal que se faz perdoar e faz promessas taes que convem mesmo não acreditar.

Pelo modo de vestir, não ha paulista que não diga que, quem anda vestido de branco em S. Paulo, é carioca.

Já decorreram alguns annos desde que O MALHO publicou um interessante dialogo entre paulistas. Isto foi no tempo em que Rodrigues Alves voltava a ser presidente da Republica. Vamos reproduzil-o mais ou menos:

— Z. Z. (Zézé).

— Q. K. G. G. (Qu'é qu'ha, Gêgê?)

— O K. K. (O Cácá, appellido familiar do R. Alves).

— Q. Q.? (Que quer?)

— Q. O K. T. T. (Quer o Cattete).

Não podia esse dialogo ser mais telegraphico.

O geito de subir no bonde é peculiar a muitas pessoas e ha poucas que o façam da mesma maneira. Bahiana, pelo effeito do arranco extemporaneo do bonde, deixa-se cahir com todo o peso sobre os joelhos do passageiro que está atraz, a creoula cá da terra entra dansando e toda dengosa cahe no logar, mesmo que este não exista.

A mocinha procura apoio seja onde fôr, no joelho do proximo ou na careca do dito.

A gorducha agarra os balaustres com ambas as mãos e parece precisar de um guindaste para suspender a carga de banha (por isso é que a banha sóbe tanto no mercado).

Quando faz calor, todo estrangeiro gasta lenços para enxugar o suor, o carioca deixa-o correr á vontade, para poupar o lenço, desata o collarinho e afrouxa a gravata, de accordo com a moda "á bebado". O italiano bufa, o portuguez tira o paletó, o allemão raspa o cabellodromo, deixando o gramado apenas no cocuruto, o inglez põe a gravata em férias e aspira o calor pelo cachimbo, enchendo o "whisky" de fumaça.

Em materia de temperamento ha tambem distincções. Seria um milagre se um carioca se atirasse de cima do Pão de Assucar ou do Corcovado, porque não parou por causa de mulher. Para elle ha outras formas de suicidio, lysol, formicida, barca da Cantareira, o Mangue, fogo na roupa depois de um banho de kerozene, iodo e outros ingredientes. Não citemos o revólver, porque esse bicho é capaz de negar fogo. Que ella não saiba amar é uma coisa, mas que elle não saiba suicidar-se é caso de amor proprio. Acha que tem direito a ser amado, de jogar no bicho, de insultar os juizes de foot-ball, de reclamar mais caldo na feijoada, de ser convidado para o café, ou o almoço, mas paga-o tambem com muito gosto, salvo dar uma **facada** com a maior caradura, sem respeitar cara nem coração.

De resto, esta nossa cidade maravilhosa (Mirabilopolis) é uma salada de typos exoticos, extaticos, dynamicos, carnavalescos, a mexerem-se como as engrenagens de uma gigantesca machina, dia e noite sem parar, ruidosa como um trem da Central, nervosa como uma creada aos sabbados, activa como formigueiro revolvido.

MAX YANTOK

A velha (myope). Oh! como vae, Josephina? Este senhor é seu marido? Prazer de conhecel-o !

O Covarde

Nenê Macaggi

"TU, com esse teu arzinho arrogante e essa tua força muscular prodigiosa, tu, Chico, não passas de um covarde!

Vê! Todos se foram! Todos! O Jorge, o Antonico, o Paulo. Até o Mario, que ia fazer operação de appendicite no dia 10, foi! E o Manéco, aquelle coitado que tem pulmão roido pela tuberculose, que está ás portas da morte, o proprio Manéco quiz partir! Illudiu a todos e agora lá está no campo de batalha, talvez morto por uma hemoptyse ou por uma bala!

Todos! Todos! Só ficaram as mulheres, as creanças e os velhos! Só tu ficaste!

Tu, o mais forte, o mais intelligente de todos! E' horrivel! Eu me envergonho de te haver amado tanto! Nem parece que estudaste, que comprehendes que o amor á Patria está acima de tudo! Para ti, a Patria não vale nada, não é, poltrão?

Pois bem, escuta. Se requisitarem moças para serem enfermeiras, eu irei immediatamente. E deixarei meus irmãos pequeninos, minha mãe invalida. Irei com todo o prazer dar a vida pela Patria, eu, que sou mulher! Ella me reclama e tudo farei para servil-a.

Já quasi nem te posso olhar. Sinto o sangue affluir-me ao rosto, córo de vergonha ao ser obrigada a falar assim a um homem forte como tu, que tens medo da guerra, que vês os outros affrontarem e destruirem a Terra onde nasceste e não a defendes! Parece mentira, meu Deus!

Olha, Chico, aqui está tua alliança. Não quero mais ser tua noiva. Eu não acceito um amor covarde. Vae para a guerra! Pelo amor de Deus, parte! Não desejo que te desprezem, que te virem as costas mais tarde! Deixa tua mãe! Ella tem recursos para viver! Vae! Defende teu torrão! E se um dia voltares, aqui me terás para te beijar as mãos callejadas pelo manejo da carabina! A Patria te chama, Chico! Vae!"

O rapaz ficou desesperado! Era com ella que contava na vida! Com ella, tão carinhosa, tão boa! E perdera-a, por sua covardia inqualificavel! Dava-lhe toda a razão, porque a tinha. Mas havia de mostrar-lhe que não era um covarde! E que se ainda não havia partido para a guerra, era porque lhe faltava a coragem de deixal-a e á sua velha mãe!

Em caminho, passou pelo cemiterio. Deu-lhe vontade de entrar. Abeirou-se do tumulo do pae. E ali ficou muito tempo, meditando. De repente, debruçou-se sobre a lapide e poz-se a chorar. Doia-lhe como uma vergastada aquella palavra **covarde!**

Limpou os olhos, ergueu a cabeça e pareceu-lhe ouvir, num cicio, a voz autoritaria do pae a dizer-lhe: "Vae!"

Levantou-se, resoluto e caminhou depressa para casa.

Era mais ou menos meio-dia. Sol a pino, cararejar de gallinhas, mugir de vaccas, gritinhos alegres de creanças.

Elle, porém, nada via nem ouvia. E abriu mansamente a porta. A mãe estava sentada perto do fogão, lendo.

— "Ah, filho, por que tardaste tanto? Eu já estava com receio de que te houvesse succedido alguma cousa desagradavel."

— "E succedeu, mãe."

— "Justamente hoje eu faço annos, Chico. Sessenta e sete. Creio que te esqueceste, heim, maroto? Essa cabeça anda cheia de Annita! E' Annita pra cá, Annita pra lá! E a pobre velha, só porque é velha e feia, que fique pro canto! Ingrato! E eu, que para commemorar o meu anniversario, matei o "Milóca", aquelle porquinho gordo côr de azeitona! E fiz uma polenta maravilhosa, meu filho, digna da mesa de Mussolini! Polenta com carne de porco! Que cousa gostosa! Quero que comas bastante, meu bem, pois sei que é essa a comida de que mais gostas. Não fosses filho de italiano! E teu pae tambem gostava. Elle, quando eras pequeno, de noite, á lareira, punha-se a contar factos da guerra... e enthusiasmava-se a descrever as batalhas em que tomou parte com Garibaldi e Annita... e acabava suspirando de saudade do "front". Pobre Vincenzo!

Hoje... bem, não quero recordar cousas tristes. Vem almoçar, Chico. Ahi está uma carta para ti. Lê-a. Deve trazer noticias de nossos amigos."

O rapaz tomou-a e abriu-a. E á proporção que lia, seus olhos se iam dilatando de pavor. E ia empallidecendo... empallidecendo...

Depois sentou-se, exhausto pelo esforço, numa cadeira e poz-se a enxugar o suor que lhe escorria da fronte.

De repente, levantou-se e puxou a mãe para perto de si.

— "Mãe, vem cá. Preciso falar-te. Sei que te vou despedaçar o coração, mas não posso deixar de fazel-o. Quero partir, mãe. Todos os rapazes daqui foram defender a Patria! Até os doentes! E eu, cheio de saude, fiquei, emquanto os outros davam o sangue por ella! Sabes de quem é essa carta? E' do Mario. Escreve-me do Hospital. Diz que, em meio de um combate encarniçado com o inimigo, trouxeram-no desmaiado com uma crise do appendice e immediatamente o operaram. Já está quasi bom, e está louco para voltar para o campo de batalha. Pergunta porque eu não vou e quaes os motivos graves que me prendem aqui. E termina dizendo que o Paulo falleceu urrando de dor, de uma gragrena no braço, motivada por um corte de baioneta e que o Manéco, no começo de uma das ultimas batalhas, sentindo que ia morrer, abandonou, allucinado, as trincheiras e sahiu correndo para o lado do inimigo. Terminado o combate, foram achal-o ensopado de sangue e coberto de balas. Não se soube se elle morreu da hemoptyse ou das balas. Mas em todo o caso, mãe, elle cahiu defendendo a Patria! E eu aqui, sem fazer nada! como me sinto humilhado e pequeno!

Não aguento mais, mãe! Deixa que eu parta! E' preciso!"

E ella, a pobre velhinha, tremula e contendo as lagrimas:

— "Sim, filho, eu já havia pensado nisso. E' uma vergonha ficares aqui, emquanto teus companheiros luctam. Não tinha coragem de falar-te a esse respeito, porque ia ficar sózinha e mesmo pensava que tinhas medo. Egoismo natural de um coração de mãe, como vês. Mas tens razão. E' necessario que te vás hoje mesmo. Não quero que te chamem de poltrão. Hontem Annita esteve aqui. Discutimos muito e acabamos a nossa amizade, por tua causa. Ella te offendia, te chamava de covarde e de outras cousas, eu te defendia. Ella disse que ia desmanchar o casamento porque considerava uma deshonra unir-se a um homem que se negou a luctar pela Patria e, já na porta, olhou-me com desprezo e me disse: "A senhora não passa de uma egoista e seu filho nada mais é do que um pusillanime, um maricas!"

Ah, filho, como soffri com esses insultos! E ainda mais vendo que ella possuia toda a razão!

Sei que vou ficar sózinha! Sem ninguem, neste casarão, sem mais ouvir a voz de meu filho! Vivendo apenas da saudade! Meu Deus, como é doido isso! E' hoje, justamente, que é dia dos meus annos!

Mas não faz mal. Saberei reagir. Anda, meu filho, vae despedir-te dos nossos amigos. Porei na tua mala um retrato meu. Quando te sentires sem animo, olha-me e eu te darei coragem e forças. Emquanto preparo tuas cousas, chega até á casa de Annita e diz-lhe que não és o que ella pensa."

. . . .

A' tardinha o moço partiu. Levava a mala e o sacco de roupas. Fazia-se de forte, brincava, sorria. E ella, a velhinha luctava para não chorar, para não se lançar aos seus braços, soluçando, pedindo-lhe que ficasse.

E chegou, dolorosa, a hora da despedida.

— Mãe, já vou. Hei de luctar como um leão. E se não voltar, tu rezarás por mim, feliz porque teu filho cumpriu com o seu dever. Adeus, mãe querida!

E já distante da casa: — "Não tive coragem de falar a Annita. Diz-lhe que eu escreverei a ella e dá-lhe um longo beijo por mim."

Na extrema curva do caminho, voltou-se o futuro heroe. A velhinha lhe accenava com um lenço, lenta, tristemente.

Quando o filho já havia desapparecido, resignadamente ella fechou a porta e disse, baixinho, só para o seu coração que sangrava:

— "Deus ha de protegel-o. Elle voltará."

E com um suspiro cheio de dor: — "E eu que pensava que elle era um covarde!!..."

Das Ende.

CINEMA

Chapéo novo — *Marika Bökk.*

Vestido "beige" capa, chapéo e cinto marron — *Paula Stone*, da Warner Bros.

Costume para o inverno

CAMINHO DE MESA

Material necessario :

10 meadas de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "ANCORA" F. 534 (azul marinho).
6 meadas de cada F. 430 (ferrugem), F. 590 (beige) F. 731 (esmeralda escuro)
2 carreteis de linha brilhante que combine com a fazenda.
1 agulha de cozer "Chenille" n. 1 1/2.
1 pedaço de lã côr de ferrugem de 33,75 x 30 cms.
4 pedaços de fazenda azul marinho cada um de 33,75 x 10 centimetros.

Freq entemente temos em casa innumeros retalhos atirados a um canto, esquecidos, sem esperança de serem usados. Com um pouco de engenho e bom gosto, poderemos utilizal-os em trabalhos não só interessantes como tambem praticos.

Este caminho de mesa surgiu de retalhos deixados de um paletot e uma saia. As pontas azues são tiras estreitas que nos dão a apparencia de pedaços largos por estarem as emendas cobertas com o ponto de cadeia.

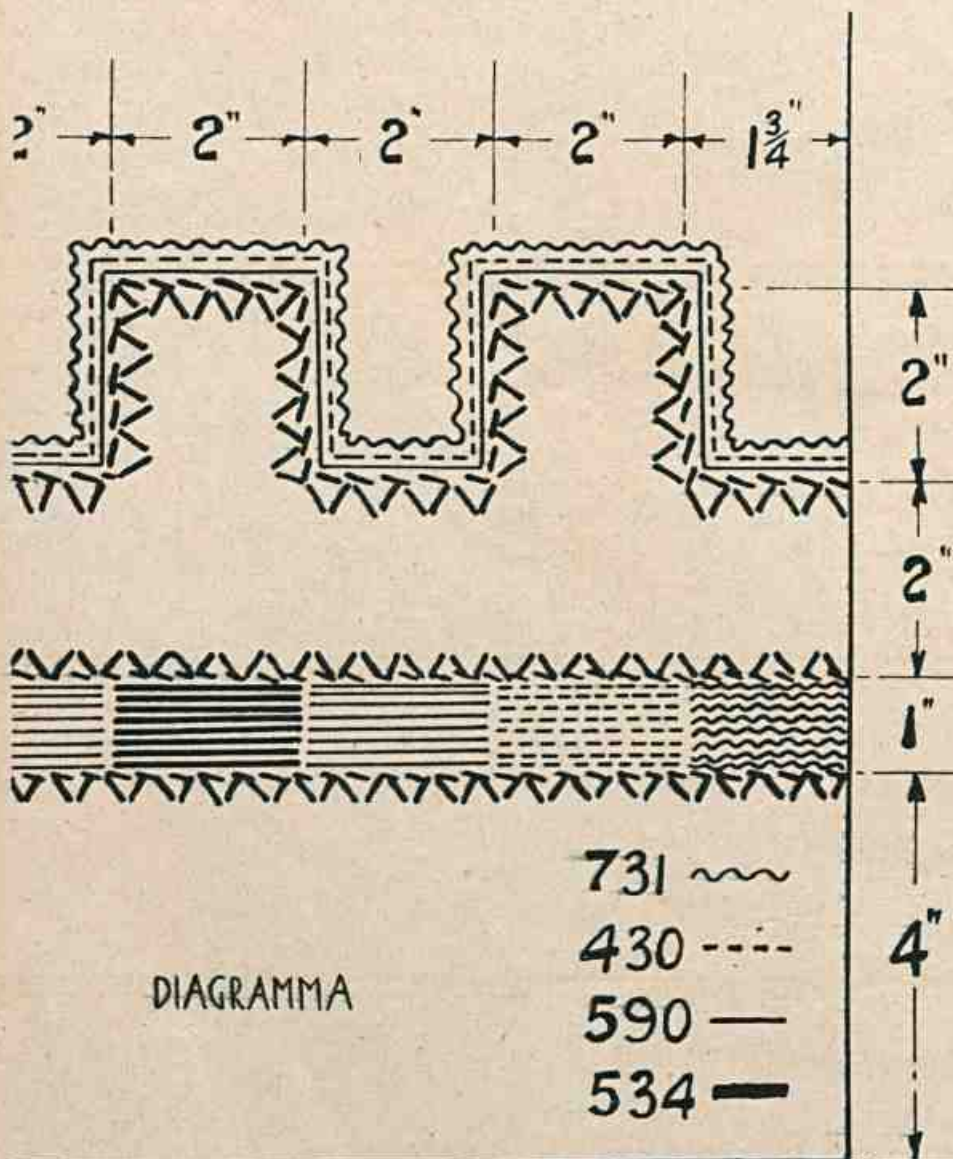
Justamente pelas emendas da fazenda ficou o desenho com um quê especial que de outro modo não teria tido.

Este caminho de mesa mede 33,75 x 90 cms. depois de prompto, podendo tambem ser feito em outras medidas. Acompanhar o diagramma para cortar os pedaços azues e depois alinhaval-os na fazenda côr de ferrugem. Coser todo elle á machina em todas as pontas para ficar a fazenda bem firme. Usar 12 fios de linha em todo o bordado.

Em volta da barra e das pontas internas da tira fazer uma carreira de ponto caseado com F. 534, collocando a agulha obliquamente e enfiando no mesmo logar duas vezes para formar uma ponta. Depois, dentro dos bicos, fazer 3 carreiras de ponto de cadeia frouxamente, de modo a não franzir a fazenda com a linha F. 590 em seguida ao caseado, depois F. 430 e F. 731 por ultimo.

Marcar um espaço de 5 cms. entre os dois pedaços de panno azul marinho e fazer 8 carreiras de ponto de cadeiá em blocos de F. 731, começando pelo lado de fóra, depois F. 430 seguido de F. 590 e F. 534 no meio, depois repetir esta ordem de côres para traz.

Fazer os blocos de ponto de cadeia para a frente e para traz e emendar com cuidado a linha da outra côr, de forma a dar uma impressão de continuidade do ponto em todo o trabalho.

Fazer um ponto de crochet em toda a beirada do caminho de mesa com a linha F. 534 (6 fios).

DE TUDO UM POUCO

ANECDOTAS

Marius foi praticar sport de inverno pela primeira vez. Naturalmente não parece surprehendido; viu coisas peiores, e o diz a todo o mundo, inclusive a um parisiense que mostrou duvida das suas palavras.

— Mas, meu caro, saiba que em

Marselha quasi todo inverno temos mais de dois metros de neve!

— De largura? interroga o parisiense.

E Marius, que sentiu o exaggero do que disséra:

— E de comprimento tambem.

—:—

Uma comediante de talento, mas ainda muito jovenzinha ambiciona condecorações. Teve opportunidade de ser apresentada durante uma festa official a um ministro em exercicio. O ministro mostrou-se amavel, a comediante seductora e espirituosa. Depois ella deixou entrever que não lhe desagradaria ver, deante de tantos de seus camaradas, florir no seu corpete o botão purpurino.

— E' ainda muito joven, senhorita, disse o ministro, tem tempo para isso.

— Oh! o tempo... A edade nada tem com isso.

— Muito bem! Vamos falar no caso dentro de seis mezes?

Ella olhou-o dois minutos e respondeu gentilmente:

— Presumpçoso!

—:—

No ensaio geral, annos passados, pela União dos Artistas de Circo de Inverno, Duvallês, em um numero de plastica, com o torso nu, exhibia os musculos sob a luz de projectores.

Depois da funcção perguntou a Toulout:

— Viram bem os meus musculos?

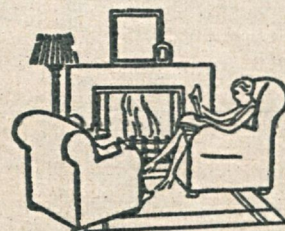
— Não muito, retrucou-lhe Toulout; mas não tem importancia; provavelmente hoje não trabalhaste com teus accessorios.

PALAVRAS EM SURDINA...

(Ida Souto Nchôa)

Tu me disseste:
— "Enrolei teus cabelos
na água pura das correntes,
e ficaste tão pura...
Atei todo teu corpo fragil,
com feixes de sol,
e ficaste tão clara!...
Estendi, então, nos teus olhos
cintilações d'água parada"...

E porque meus cabelos
têm a puresa das correntes
e meu corpo oscilações de sóis,
eu te dou essa impressão de natureza
sempre inédita,
e em mim tu sentes
o verdor das selvas,
o perfume das folhas machucadas,
a ascenção das montanhas,
o sabor dos frutos maduros,
e da água pura das correntes
em que te banhas...

PARA A MESA

FOLHAS DE REPOLHO COM ARROZ

Tome 12 folhas de repolho e cozinhe em agua e sal. Depois escorra e colloque, dentro de cada uma, 1 colher de arroz não muito solta. Enrole, passe em ovos batidos e frite em banha quente.

Sirva com as linguas.

PALMIER

Faça ½ porção de massa folhada de manteiga. Abra da grossura de ½ centimetro. Enrole as 2 bordas sobre ellas mesmas de fórma que os dois rolos se encontrem no meio.

Quanto mais finos mais delicados. Deite num taboleiro forrado de papel impermeavel e guarde na geladeira.

Mais tarde, ou no dia seguinte corte todo, em fatias de ½ centimetro, polvilhe com assucar crystallisado e leve a assar em forno quente por uns 15 minutos.

Penteados novos

ECHARPE-COLLETE

Uma grande echarpe para os sports de inverno ou para o automovel lhe será tanto mais util quanto se mantiver bem segura. O modelo que damos tem isto de particularmente pratico, devido a um dos seus pannos passar dentro de uma larga casa. E' muito facil de executar e será tão mais elegante quão largos forem os pontos. Assim, tomar umas 100 grammas de lã, agulhas nº 8.

Execução: — Montar 40 m. e tricotar em ponta: 1 m. pelo direito, 1 m. pelo avesso, tendo, porém, o cuidado das m. pelo direito não picar a agulha o bride mas sim a m. da carreira precedente, os pontos pelo avesso se fazendo ao contrario, normalmente. Desta simples mudança resulta a malha ingleza, que é muito flexivel e muito em moda actualmente. Tricotar desse modo 25 cm., depois fazer uma casa vertical no meio da echarpe, de 12 cm., de largura. Para obter esta casa vertical, trabalhara metade das malhas (isto é, 20 m.) separadamente 12 cms., depois trabalhar o outro lado igualmente e juntar os dois lados na mesma agulha, quando os dois tiverem 12 cms. Continuar, então, 73 cms., direito e parar. A echarpe ficará com 1m12 de comprimento.

GRAVATA DE DUAS CÔRES

Para fazer esta echarpe de dois tons de chenille, que assentará bem na abertura de seu manteau, deve munir-se de 1 carretel e meio de chenille nº 2, um tom, meio carretel de outro tom e uma agulha de chochet nº 14. *Ponto empregado:* pontos sem laçada, para todo o trabalho. Fazer uma trancinha e sobre ella as carreiras de pontos sem laçada, apanhando sempre o fio do lado de traz da malha. *Execução:* Fazer uma trancinha de 17 cms. de largura e sobre ella, no ponto explicado acima trabalhar até alcançar 14 cms. Nesta altura, trabalhar, ápenás, sobre os 7 cms. do centro. Quando tiver feito 38 cms., mudar a côr e trabalhar o outro lado da mesma fórma. Terminada, terá a echarpe 76 cms., de comprimento.

ADORNO MODERNO

Nesta época do anno, as guarnições para vestidos são sempre muito uteis para mudar-lhe o aspecto. Esta gola, por exemplo, é de lacet dourado. Pela photographia facilmente será copiada. Nos vasios, ponto de filó com fio de ouro.

DECORAÇÃO DA CASA

Penteadeira: grande espelho em circulo. Flores num vaso de crystal, objectos de metal dourado sobre o vidro reflectindo os veios da madeira escura.

Ao lado: quarto de dormir.

OS PENTEADOS

Continuam assim, cheios
de ondas e de cachos.

Chapéos para Senhoras — FERNANDE inaugurará dentro de poucos dias a linda loja á Avenida Rio Branco, 180.

"LINGERIE" ELEGANTE

Liseuse de crêpe da China.

Combinação e camisola de crêpe setim rosa. applicações de crêpe azul brando.

Liseuse de "faille".

Belleza e Medicina

As massagens no tratamento da pelle

PELO DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Ha diversas especies de massagens para a pelle, porém as mais usadas actualmente são as manuaes, vibratorias e de alta frequencia. Não ha uma regra unica de massagem e nem todas as pessoas requerem as mesmas applicações.

A massagem activa a circulação obrigando os musculos a trabalhar e deve ser feita em todas as qualidades de pelle, quer se trate de uma epiderme secca, normal ou gordurosa.

Muitas pessoas dizem que não fazem massagens, com receio de que a pelle venha a ficar cheia de rugas ou com os musculos cahidos (relaxados) caso não possam continuar com as applicações. E' um erro pensar de tal modo. Caso alguem esteja se tratando por meio das massagens e depois não seja mais possivel continual-as perderá, na occasião em que parar com o tratamento, os beneficios do mesmo, mas nunca poderá pensar que a pelle para o futuro vá ficar enrugada ou com os musculos relaxados.

Um dos movimentos da massagem facial

E' tambem commum ouvir-se, sobretudo de moças não ser util que um rosto de dezeseis ou dezenove annos receba applicações de massagens, pois não appareceram ainda as rugas ou outra qualquer imperfeição.

Ninguem tem o direito de affirmar tal coisa ou de dizer não possuir tempo para cuidar da pelle, pois é bem precioso o adagio: "Mais vale prevenir do que curar".

A massagem póde ser feita pela propria pessoa (auto-massagem), com movimentos apropriados sobre os musculos, afim de não vicial-os.

E' desnecessario dizer que uma massagem da pelle feita por leigos traz consequencias desastrosas, dahi o grande cuidado na escolha de uma pessoa que conheça bem anatomia para que se lhe possa entregar, sem receio, o rosto.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

O TICO-TICO realisa a missão dos paes e dos mestres.

CAIXA d'O MALHO

SALVADOR PORTO (Rio da Prata) — Seu pensamento está bastante embrulhado, nos dois quarttetos Os versos parece não terem ligação entre si. Effeitos da tyrannia da rima? Impossivel publicar o soneto.

H. ELIESSE (Rio) — Arranje um meio de substituir o "p'ra" do ultimo verso do primeiro quartteto, e o forçado "com virtude" do ultimo verso do primeiro tercetto, que eu publicarei o soneto.

DENTISTA XX (Itapetininga) — Sua maneira de narrar é demasiadamente directa. A prosa deve ser singela, mas não vasia. Com o seu enredo, póde-se fazer um conto forte. Basta apurar o estylo.

MALANDRO (Bahia) — Muito obrigado pela sua intenção, mas o soneto que V. me dedicou é uma perfeita droga. Até a cesta abriu a boccarra, protestando: — Olá, seu Cabuhy, respeite as caras. Por que não manda esse aborto, directamente para a Sapucaia? Então, os meus cinco annos de serviço não merecem nenhuma consideração? E eu tive que attendel-a.

S. MELLO (Rio) — Não é melhor do que o soneto anteriormente remettido. O ultimo verso, frouxo. No penultimo, o tratamento na segunda pessoa do plural — *escondei-as* — destôa do resto, no singular: "quando *te* vejo", etc. Alguns logares communs: "tristeza que meu peito encerra", etc.

F. MATOS (Recife) — Vae sahir o seu pequeno trabalho.

MÃE DAGUA (Rio) — Soneto sem metro, sem rythmo e cem rimas tem o exquisito sabor de frios com mel de abelha. Pode haver quem goste... (Os chinezes não apreciam as sopas de ninho de andorinha?

Mas eu não trago nem os ninhos de andorinha, nem os frios com mel, nem o soneto destemperado...

VALRRY (?) — Muito ingenuo o seu pequeno conto. A narrativa é impessoal e sem colorido. Como tentativa de collegial em ferias, poderia passar. Para publicidade numa revista literaria, exige-se mais. Se voltar, venha menos cerimonioso. Eu não sou nenhum bicho de sete cabeças.

WIKAILOSKY (S. Paulo) — O desenho, muito bom. A historia, muito má. Verei se é possivel aproveitar o primeiro, porque a ultima já voou para a cesta.

LILY RAMOS BRAGA (?) — O soneto passaria, se não fosse este verso horrivel:

"*Porém, juro, sou tua, mas com- [tudo,*"

Veja se lhe dá um geito.

DALEY (Curityba) — Está muito longe de ser uma obra de arte. Não passa de uma exploração da surrada historia da mulher que se mata para não ver a filha chorar de fome. Nos romances de Dostoiewski, esses dramas da miseria humana, adquirem tal força de colorido e realidade, que arrebatam. Mas, no seu conto, o estylo é chocho e o thema falliu inteiramente.

RAVANA (?) — Não ha duvida que o seu poema tem arte e eu me sinto satisfeito em aproveital-o, na primeira occasião.

J. M. (S. Lourenço) — Não é grande coisa. Dali para a verdadeira poesia, vae a mesma differença que, de uma lithographia de folhinha, para uma tela de arte.

CAVALCANTI FILHO (Surubim) — A sua carta está em completo desaccordo com o seu soneto. A primeira deve ser mesmo da sua lavra pois vem cheia de asneiras: *publiqui-o, primera, mas* (por *mais*), etc. O soneto, ao contrario, é poesia da melhor cepa. Não podem ter sahido a carta e o soneto da mesma cabeça. Aqui, ha *marosca*, meu velho.

LYRIO AZUL JUNIOR (S. Salvador) — Da remessa, só se póde aproveitar "Lar Abandonado". Quando houver uma brechinha...

CHRISTIANO TAVARES SIMÕES (Rio) — Parece-me que V. não conhece bem a composição do verso decassyllabo. A maior parte dos versos do seu soneto não tem rythmo. De maneira que uma leitura do seu soneto nos sôa ao ouvido como um topico de jornal. Um topico desalinhavado. Os pequenos retoques suggeridos em sua carta posterior não alteram esses conceitos.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

JOGOS E PASSATEMPOS

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 86ª CARTA ENIGMATICA

D. FEDERAL

Miss Sem Sorte, rua Felicio dos Santos, 8.
Vavati Norbes — B. Bom Retiro, 161.
O. S. — Ave. Rainha Elisabeth, 50.
Diva Wood — Rua Julio, 16 — Villa Valqueire.

S. CATHARINA

Oscar Geraldo Pereira — Av. Sta. Catharina, 1197 — Joinville.

BAHIA

Tatiana — Trav. Bartholomeu Gusmão, 17 — Capital.

S. PAULO

Déa Flavia — Rua Fabricio Vampré, 15 — Capital.

R. G. DO SUL

Alfredo Souza — 7º R. I. — Santa Maria.

RIO DE JANEIRO

Amador Rios Filho — Parahyba do Sul.

PARA'

Moacyr Carvalho — Trav. dos Pariquis, 425 — Belém.

SOLUÇÃO EXACTA DA 86ª CARTA ENIGMATICA

Lloyd George foi, uma vez, interrompido, quando discursava, por uma velha antipatica e feia que lhe gritou:
— Se o senhor fosse meu marido, envenenava-o!
— Pois eu, se a senhora fosse minha mulher, não me importava morrer, fosse lá como fosse.

CORRESPONDENCIA

SEI-LA-SI-E' (?), FERNÃO TAVEIRA (?), YVONE LOPES DA COSTA (M. Hermes), E. BELLAGAMBA (S. Paulo), MURIEL D'ALMA (S. Paulo), LIWALDA (Capital), S. B. (Rio), ABDULAH (?) e JOSE' CARDOSO (S. Paulo) —: Recebidos e acceitos. Agora queiram aguardar o apparecimento, de accordo com as opportunidades.

ALMIR CARNEIRO — Queira ler as "instrucções para concorrer", que apparecem com todos os problemas, e terá a resposta á sua pergunta.

ALVARO PIZZOTTI (Campos) — Você é o primeiro leitor que desfaz dos premios que distribuimos. Cada um tem suas preferencias e não vamos discutir as suas. Naturalmente você detesta as coisas do espirito e preferiria ganhar 5$000 em "contado" ou uma latinha de biscoitos... Os nossos premios são sempre livros, meu caro, e todos os leitores premiados, até hoje, só nos têm enviado palavras amaveis a respeito. O que admira é que você, apesar de desilludido com o premio que recebeu, ainda continue a concorrer...

NEUSA (?) — Seu trabalho estaria publicavel si tivesse sido feito com o emprego de regua e tira-linhas. Sentimos devéras, mas está feito com muita displicencia e nós temos aqui trabalhos irreprehensiveis que estão á espera de vez, verdadeiramente "congelados"...

CARTA ENIGMATICA

SÃO condições para concorrer a este torneio: 1) dactylographar ou escrever legivelmente, a tinta, em folha de papel que só servirá para esse fim, a traducção do texto completo da Carta; 2) recortar, prehencher e collar á pagina, acima dita, o coupon n. 89, que ao lado se encontra; 3) remetter ao endereço: JOGOS E PASSATEMPOS — "O Malho" — Tr. do Ouvidor, 34 — Rio. — Os premios são distribuidos por sorteio, entre os concurrentes que enviarem soluções certas, e remettidos, sob registro, pelo Correio. Para o torneio de hoje, 10 (dez) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem em sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 25 de junho, e o resultado será publicado no O MALHO do dia 2 de Julho.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 89

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
.. ..
Residencia ... .
.. ..

DIVIRTA-SE...

Quando não tiver o que fazer, tome um lapis e papel e effectue as operações arithmeticas que abaixo offerecemos. Mas faça-as pela ordem em que se encontram, sem saltar nenhuma. Verá que resultados interessantes taes operações darão:

1 × 9 + 2 =
12 × 9 + 3 =
123 × 9 + 4 =
1234 × 9 + 5 =
12345 × 9 + 6 =
123456 × 9 + 7 =
1234567 × 9 + 8 =
12345678 × 9 + 9 =
1 × 8 + 1 =
12 × 8 + 2 =
123 × 8 + 3 =
1234 × 8 + 4 =
12345 × 8 + 5 =
123456 × 8 + 6 =
1234567 × 8 + 7 =
12345678 × 8 + 8 =
123456789 × 8 + 9 =
65359477124183 × 17 × 1 =
65359477124183 × 17 × 2 =
65359477124183 × 17 × 3 =
etc. etc.

Quer ganhar sempre na loteria?

A astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Orientando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma só vez.

Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".

Milhares de attestados provam as minhas palavras. — Prof. PAKCHANG TONG. — Meu endereço: Gral. MITRE Nº 2241. — ROSARIO (Santa Fé). — Republica Argentina.

A DICTADURA REPUBLICANA

de REIS CARVALHO

Manual de politica scientifica, onde se prova que o verdadeiro regimen republicano é o da mais rigorosa ordem material combinada com a mais ampla liberdade espiritual, onde se defende a verdadeira Republica Social sem extremismos da direita ou da esquerda, sem fascismo nem bolchevismo.

LIVRO DE PALPITANTE ACTUALIDADE

Nas livrarias do Rio: Alves, Freitas Bastos, Pimenta de Mello e Quaresma

1 VOLUME BROCHADO DE MAIS DE 150 PAGINAS — 5$000

GALERIA SANTO ANTONIO

Restaurações de quadros a oleo. Molduras de Estylo. Exposição permanente de quadros a oleo de artistas nacionaes.

RUA DA QUITANDA, 25 — Telephone 22-2605

CURA DE HERNIAS SEM OPERAÇÃO

"CLINICA DR. MENEZES DORIA"

ED. ODEON

R. DO PASSEIO, 2-6.º

TEL. 22-8811

NÃO VOU A ESCOLA!

E' o que diz ás vezes, o seu filho. Exemplo máu de certos companheiros... Companheiro certo, de bons exemplos, é o

O Tico-Tico

Ensina ao mesmo tempo que distrái. Instrue, enquanto diverte. O TICO-TICO é o melhor conselheiro da infancia. — Custa apenas $500.

A SAÚDE E EDUCAÇÃO DOS FILHOS Á BEIRA MAR

ESCOLA BRASILEIRA DE PAQUETÁ

Internatos separados para ambos os sexos no centro de dois frondosos parques, num monte á beira mar. Preços reduzidos aos menores de dez anos. Matricula e informações: Rua da Constituição, 33-2.º - Séde da E. B. por correspondencia.

CINEARTE

todos os

CINEARTE

Artistas

E TODOS OS FILMS PASSAM POR CINEARTE. Factos ineditos. A vida dos studios e a alma das "estrellas". Entrevistas com os "astros", os directores e os productores. O mais perfeito desfile das coisas do cinema. - Preço 2$000.